



Funcionamento e Resiliência Familiar na Pandemia *COVID-19*

Estudo com filhos

CATARINA MARIA DA SILVEIRA ABRANTES MARQUES
BARRETO

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Coimbra, 2023

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Joana Sequeira, minha orientadora, pela paciência, pelo apoio, pela partilha de conhecimentos, por ser um exemplo a seguir de profissionalismo, pelas experiências partilhadas, pela sua disponibilidade e orientação nesta viagem atribulada, pelos desafios colocados e pela confiança que me transmitiu nos momentos de maior incerteza.

À minha colega de turma, Inês Santos, pela ajuda, incentivo e companheirismo. Sem ti a realização deste trabalho não teria sido a mesma coisa. O meu mais sincero obrigado.

À minha família, em especial aos meus pais, que sem eles nada disto seria possível. Pelo seu apoio e amor incondicional, pela disponibilidade, pelas palavras, e por serem a minha maior inspiração e as pessoas mais importantes da minha vida.

Resumo

Objetivo: A pandemia *COVID-19* constitui-se como uma crise acidental com impacto significativo no funcionamento das famílias. O principal objetivo desta investigação foi analisar a percepção que os filhos têm do funcionamento e resiliência familiar na pandemia *COVID-19*.

Metodologia: Participaram 768 indivíduos, que ocupam na família a posição de filhos, com idades entre os 12 e os 65 anos de idade. Os instrumentos administrados foram o Questionário sociodemográfico de dados complementares e avaliação da situação *COVID-19*, a Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar versão IV (*FACES-IV*) e o *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*.

Resultados: Os filhos percebem, no geral, coesão e flexibilidade médias, baixo desmembramento, emaranhamento, rigidez e caoticidade e satisfação e comunicação médias. Não existem diferenças estatisticamente significativas entre os filhos adolescentes e adultos, entre homens e mulheres e em função da tipologia familiar. As médias são marginalmente mais altas o que não significa nem uma percepção de funcionamento familiar diferente, nem uma resiliência diferente, contrariando, desta forma, todos os estudos sobre *COVID-19*. Os filhos cujas famílias possuem rendimentos mais baixos percebem a sua família como mais rígida e menos resiliente e os filhos com famílias com rendimentos superiores a 3000€ percebem maior satisfação com a família, melhor comunicação e percebem-se como mais resilientes em todas as dimensões. Os filhos em cujas famílias não houve elementos com infecção *COVID-19* apresentam maior coesão e flexibilidade equilibradas. A percepção de funcionamento e resiliência familiares é melhor na primeira fase da pandemia e pior na última.

Conclusão: Os filhos em contexto pandémico, na sua generalidade, percebem as suas famílias como tendo coesão e flexibilidade médias, baixo desmembramento, emaranhamento, rigidez e caoticidade e medianas satisfação e comunicação familiares. Contrariamente aos estudos realizados sobre funcionamento familiar com distintos elementos da família, estudados apenas os filhos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função do sexo, da idade e tipologia familiar. Os filhos em cujas famílias não houve elementos com infecção *COVID-19* apresentam maior coesão e flexibilidade equilibradas o que sugere o impacto da infecção nas dinâmicas da família.

Palavras-chave: Funcionamento Familiar; Resiliência Familiar; Fases da pandemia *COVID-19*; Percepção dos filhos.

Abstract

Purpose: The COVID-19 pandemic is an accidental crisis with a significant impact on the functioning of families. The main objective of this investigation was to analyze the perception that children have about the functioning and family resilience in the *COVID-19* pandemic.

Methodology: Participated in this investigation 768 subjects, aged between 12 and 65 years old. The protocol included the *sociodemographic questionnaire and complementary data about COVID-19 situation, the Adaptability and Family Cohesion Assessment Scale (FACES-IV)* and the *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*.

Results: The children perceive, in general, average cohesion and flexibility, low dismemberment, entanglement, rigidity and chaoticity and average satisfaction and communication. There are no statistically significant differences between adolescent and adult children, between men and women and according to family typology. The averages are marginally higher, which does not mean a different perception of family functioning, nor a different resilience, thus contradicting all studies on *COVID-19*. Children whose families have lower incomes perceive their family as more rigid and less resilient and children with families with incomes above 3000€ perceive greater satisfaction with the family, better communication and perceive themselves as more resilient in all dimensions. Children in whose families there were no elements with *COVID-19* infection have greater balanced cohesion and flexibility. The perception of family functioning and resilience is better in the first phase of the pandemic and worse in the last.

Conclusion: Children in a pandemic context, in general, perceive their families as having average cohesion and flexibility, low dismemberment, entanglement, rigidity and chaoticity and average family satisfaction and communication. Contrary to studies carried out on family functioning with different members of the family, when only the children were studied, no statistically significant differences were found as a function of sex, age and family type. Children in whose families there were no elements with *COVID-19* infection have greater balanced cohesion and flexibility, which suggests the impact of the infection on family dynamics.

Keywords: Family functioning; Family resilience, Phases of the *COVID-19* pandemic; Children's perception.

Disse Antonio Basanta, no livro *Leer Contra la Nada*: “A primeira biblioteca que conheci na minha vida foi a minha mãe (...) Cada noite, antes de dormir, visitávamos as estantes da sua memória.” Ouvei Juan Villoro dizer que as histórias não deviam começar por “era uma vez”, mas sim por “era uma voz”. E acrescentou “As histórias são muito diferentes se contadas pela voz de quem nos ama.” É a ouvir que damos os primeiros passos para a construção da nossa própria essência, através da partilha de histórias.

Porque tudo se resume a isto: a maior viagem possível é ouvir.

Afonso Cruz

Índice

Enquadramento Teórico	1
Materiais e Métodos	8
Objetivos.....	8
Tipo de estudo.....	8
Participantes.....	9
Procedimentos.....	12
Instrumentos.....	13
Resultados.....	17
Perceção do Funcionamento familiar em Contexto de Pandemia <i>COVID-19</i>	17
Funcionamento familiar (<i>FACES-IV</i>) e variáveis <i>COVID-19</i>	24
Perceção da Resiliência familiar em Contexto de Pandemia <i>COVID-19</i>	28
Discussão dos Resultados	33
Conclusões	38
Referências Bibliográficas	40

Índice Anexos

Anexo I – Questionário sociodemográfico, dados complementares e relativos à situação *COVID-19*

Anexo II – Tabelas de Conversão da *FACES-IV*: Conversão de valores brutos em percentuais das subescalas equilibradas

Anexo III – Tabelas de Conversão da *FACES IV*: Conversão de valores brutos em percentuais das subescalas desequilibradas

Anexo IV – Tabelas de Conversão da *FACES IV*: Conversão de valores brutos em percentuais das subescalas Comunicação e Satisfação

Anexo V – Grelha de cotação da *FACES-IV*

Índice Apêndices

Apêndice A – Subescalas da *FACES-IV* e nº do agregado familiar

Apêndice B – Subescalas da *FACES-IV* e etapa do ciclo vital

Apêndice C – Dimensões da *WFRQ* e habilitações literárias

Apêndice D – Dimensões da *WFRQ* e nº do agregado familiar

Apêndice E – Dimensões da *WFRQ* e etapa do ciclo vital

Apêndice F – Dimensões da *WFRQ* e tempo passado em família durante a pandemia *COVID-19*

Enquadramento Teórico

Esta investigação tem como objetivo avaliar a perceção que os filhos têm sobre o funcionamento e a resiliência familiar, na pandemia *COVID-19*.

A doença resultante do vírus denominado de coronavírus foi descrita pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, China, após as autoridades de saúde locais reportarem à World Health Organization (WHO), um aumento evidente de um grupo de pessoas com pneumonia de etiologia desconhecida associado à cidade de Wuhan, sendo lançada uma investigação no início de Janeiro em 2020 (Direção-Geral da Saúde, 2020; World Health Organization, 2020). A 11 de fevereiro de 2020 o *International Committee on Taxonomy of Viruse* nomeou o vírus de “síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2” (sars-CoV-2) e, no mesmo dia, a Organização Mundial de saúde reconheceu a doença causada pela sars-CoV-2 como Coronavírus 19 (Marques da Costa & Marques da Costa, 2020). Este vírus rapidamente se dissipou por todo o mundo e a 30 de janeiro de 2020, o surto é declarado como Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional e a 11 de março passa a ser considerado pandemia em Portugal (Ferreira da Silva, Macedo, & Conceição, 2022).

A pandemia causada pela *COVID-19* originou uma crise global, não apenas nos domínios económicos e na saúde pública, como também no bem-estar e funcionamento familiar. Teve um profundo impacto na dinâmica das famílias, transformando, significativamente, as suas rotinas e funcionamento (Silva, et al., 2020; Prime, Browne, & Wade, 2020).

Existem dois tipos de crise que apresentam repercussões na estrutura familiar, com as quais as famílias podem ter de se confrontar ao longo do seu ciclo vital: as crises normativas e acidentais. As crises normativas são esperadas e previsíveis e encontram-se associadas às diferentes etapas do ciclo vital familiar e as crises acidentais ocorrem de forma inesperada, assumindo, habitualmente, um carácter mais stressante, como é o caso da pandemia *COVID-19*. (Minuchin, Rosman, & Baker, 1978). Esta crise, consequência da pandemia, abrange vivências de perda de familiares e amigos, interrupção de eventos de vida relevantes, *stress*, desafios, tristeza acentuada e sentimento de incerteza face ao futuro (Walsh, 2020).

As crises forçam mudanças familiares, para que se alcance um novo funcionamento. De entre os variados modelos de funcionamento familiar, o modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson explica o funcionamento familiar. Este modelo engloba três dimensões que são consideradas importantes no funcionamento de uma família: coesão, flexibilidade e comunicação (Olson, 2000).

A coesão é entendida como uma ligação emocional entre os vários elementos que integram a família (Olson & Gorall, 2006). De acordo com Olson (2000) os níveis extremos de coesão indicam excesso de separação (desmembrada) ou proximidade (emaranhada) familiar e podem ser problemáticos. Famílias desmembradas, apresentam limites rígidos no seu interior e limites difusos com o exterior, diminuindo, assim, os laços afetivos no interior da família. Famílias emaranhadas, contrariamente, apresentam níveis excessivos de coesão, evidenciando limites difusos no seu interior e limites rígidos com o exterior, não promovendo a autonomia/diferenciação dos seus elementos. No entanto, são indicadores de equilíbrio familiar os níveis intermédios de coesão (separada e ligada) (Olson, 2000).

A flexibilidade diz respeito à capacidade de mudança, ajustamento de regras e papéis face a episódios de *stress* situacional ou desenvolvimental (Olson, 1986). A flexibilidade pode, também, ser classificada em quatro níveis, dois deles extremos (rígida e caótica) e outros dois intermédios (estruturada e flexível). Os níveis extremos da flexibilidade, rígida e caótica, são indicadores de um funcionamento desequilibrado e de disfunção/vulnerabilidade familiar. Já os níveis intermédios da flexibilidade são entendidos como equilibrados e são reveladores de uma flexibilidade ajustada (Olson, 2000).

De acordo com Olson (2000) a comunicação é considerada a dimensão facilitadora entre a coesão e a flexibilidade no funcionamento das famílias. Assume-se como uma dimensão facilitadora entre a coesão e a flexibilidade que colabora na gestão da proximidade e na promoção de mudanças. Os aspetos fundamentais da comunicação familiar são a capacidade de escuta, a partilha de sentimentos, a capacidade de dar seguimento a uma conversa, a clareza e o respeito e consideração pelos elementos da família (Olson 2000).

Relativamente ao *stress* familiar, este pode ser esquematizado em dois eixos (McGoldrick et al., 2014). O eixo vertical representa as influências de marcos históricos na família e que integram o funcionamento familiar como por exemplo influência de fatores genéticos, religião ou cultura. O eixo horizontal representa o funcionamento familiar ao longo do tempo, onde se enquadram as estratégias de *coping* usadas em contextos de mudança e transição no ciclo familiar, como por exemplo o *stress* desenvolvimental normativo e/ou eventos inesperados que ameaçam o equilíbrio familiar (McGoldrick et al., 2014). Este esquema permite equacionar a hipótese de que, ao surgir uma fonte de *stress* do tipo horizontal de forma inesperada e imprevisível (como a pandemia *COVID-19*), numa família em que o eixo vertical se encontra sob grande pressão, esta interseção dos eixos confirma uma perturbação no funcionamento familiar, com elevados níveis de ansiedade no sistema, comprovando a necessidade de avaliar a sua implicação no funcionamento familiar (McGoldrick et al., 2014).

As famílias que se encontram nas Etapas do Ciclo Vital (ECV) família com filhos adolescentes e família com filhos adultos encontram-se assim numa fase de *stress* horizontal ao qual se sobrepôs a Pandemia *COVID-19*. A adolescência na família, implica mudanças e desafios normativos de grande intensidade e prolongados no tempo (Alarcão, 2002; McGoldrick, Carter, & Garcia-Preto, 2014). A entrada do filho mais velho na adolescência é o ponto de partida desta etapa e esta transição pode ser sentida como uma perda para a família, ou seja, a perda da criança que já não depende dos cuidadores como até aquele momento (McGoldrick & Carter, 2001). Esta etapa é encarada como um período de grandes mudanças em quase todas as dimensões da família, do adolescente e da interação com o exterior em virtude do desenvolvimento individual e das repercussões na dinâmica familiar, o que requer alterações ao nível físico, cognitivo e psicossocial, levando à procura de um novo equilíbrio (Alarcão, 2002; McGoldrick & Carter, 2001). Nesta fase ocorrem alterações na estrutura, os limites tornam-se mais claros, acentua-se a orientação centrífuga da família e incentiva-se a autonomização do adolescente (Relvas, 1996). A gestão da relação do subsistema parental com o filho adolescente constitui um desafio, podendo ocasionar posições ambivalentes: por um lado, o sistema parental não tenciona ceder a sua posição executiva na família e, por outro, deve facilitar o processo de negociação e flexibilização de regras familiares e de abertura ao exterior, possibilitando a socialização, a separação e a individuação do adolescente (Alarcão, 2002; McGoldrick & Carter, 2001). As mudanças na comunicação também são comuns e os pais referem alguma dificuldade em compreender a posição dos filhos, enquanto os filhos demonstram, também, essa mesma dificuldade para com os pais (Olson et al., 1989).

Já o final da adolescência e início da adultez dos filhos – família com filhos adultos – constitui um período de grande movimentação familiar, marcado por entradas e saídas: saídas dos filhos e a entrada de parentes por afinidade, como genros, noras e netos (Relvas, 1996).

Um estudo realizado por (Almeida, 2014), teve como propósito estudar a relação entre a perceção dos pais e dos adolescentes no que respeita ao tipo de funcionamento familiar e ao autoconceito dos filhos adolescentes, em distintas configurações familiares, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas nas diferentes configurações familiares ao nível do funcionamento familiar, contudo, os adolescentes percebem o funcionamento familiar de um modo mais negativo do que os pais. Também Cerveira (2015) concluiu que os filhos percecionaram as suas famílias como mais desmembradas e os pais percecionaram-nas como mais flexíveis, coesas, emaranhadas e com uma comunicação mais funcional (Cerveira, 2015).

Everri et al. (2016) realizaram um estudo que avaliou a percepção dos adolescentes italianos sobre o funcionamento familiar, de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson. Os resultados demonstraram que a rigidez pode estar associada a famílias equilibradas ou desequilibradas (Everri et al., 2016). Nas famílias equilibradas, a rigidez mostrou-se como adaptativa, estando associada à coesão e flexibilidade equilibradas e à satisfação familiar (Everri et al., 2016). Nas famílias desequilibradas a rigidez associa-se a um funcionamento desmembrado, baixa coesão, baixa flexibilidade familiar e pouca satisfação familiar (Everri et al., 2016).

Outro estudo realizado por Shek et al. (2015) investigou as diferenças de funcionamento entre as famílias nucleares intactas e as outras tipologias familiares. Concluíram que as famílias nucleares intactas percecionam-se como tendo um funcionamento mais equilibrado e uma melhor comunicação. Esta configuração familiar pontua mais alto nas dimensões do controlo parental, comparativamente com famílias de outras tipologias. Os adolescentes pertencentes a famílias nucleares intactas demonstram um controlo psicológico mais elevado em comparação com os adolescentes de famílias com outras tipologias familiares. Por fim, conclui-se que os adolescentes que pertencem a famílias nucleares intactas sentem-se mais satisfeitos com o controlo exercido pelos pais do que os adolescentes das famílias que não são nucleares intactas.

As famílias com filhos adolescentes percecionam menor coesão e flexibilidade, em comparação com os pais, sendo que esta diferença é ainda mais evidente quando é considerada a percepção que os adolescentes têm das suas famílias (Olson et al., 1989), existindo, desta forma, uma acentuada discrepância da percepção entre pais e filhos adolescentes do sistema familiar (Lopes, 2020; Silva, 2021).

No decorrer da pandemia *COVID-19*, crianças e adolescentes enfrentaram um extenso período de isolamento, que teve implicações substanciais nas dinâmicas familiares e processos normativos expectáveis destas fases desenvolvimentais.

Lopes (2020), concluiu que os adolescentes percecionam um funcionamento menos equilibrado e uma comunicação mais deficitária durante a crise pandémica. Estes resultados foram também corroborados por Hussong e colaboradores (2021) que identificaram um decréscimo na percepção do funcionamento e satisfação familiar, na qualidade da relação entre pais e filhos e na comunicação aberta, por parte dos elementos do subsistema filial no contexto da pandemia *COVID-19*.

Fegert (2020) refere que o confinamento domiciliar por um largo período, pode conduzir ao desenvolvimento de sintomas de ansiedade, principalmente em adolescentes filhos únicos, devido à acentuada diminuição de oportunidade de contacto com os pares (Fegert, 2020).

Um estudo realizado na China, por (Cao, et al., 2021), procurou investigar o impacto da condição de filho único na saúde mental dos adolescentes durante o confinamento. O relacionamento entre pais e filhos e a resiliência foram pontos igualmente explorados. Concluíram que quem tem irmãos tem uma maior propensão para desenvolver níveis mais elevados de ansiedade e depressão, comparativamente com os filhos únicos, durante o período de pandemia *COVID-19*. O estudo demonstrou ainda que os filhos únicos mantêm interações mais afetivas com os pais, e, desta forma, comparando com os sujeitos que têm irmãos, apresentam uma melhor relação pai-filho e, conseqüentemente, desenvolvem níveis mais altos de resiliência. Desta forma, adolescentes que são filhos únicos parecem apresentar mais ferramentas para enfrentar um período de confinamento.

Porém o papel dos irmãos na família é de extrema relevância, promovendo entre os seus membros noções de partilha e reciprocidade, quer em termos emocionais, relacionais e sociais, quer na vivência de momentos e experiências. A relação fraterna pode também ser entendida como um lugar de socialização no qual se experienciam e desenvolvem papéis, que, posteriormente, serão utilizados noutros contextos, possibilitando, assim, vivenciar processos essenciais para o futuro, como por exemplo a capacidade de empatia com o outro (Alarcão, 2000).

A maioria dos estudos que analisam as relações familiares exploram as relações entre pais e filhos, no entanto, são poucos os que estudam as relações fraternas. Contudo, as relações entre irmãos são únicas e muito importantes na identidade dos jovens e relações sociais, podendo ser a ligação mais longa na vida dos sujeitos, caracterizada quer por emoções positivas, como a amizade, o apoio e a solidariedade, mas também emoções negativas, como a violência, o ciúme e a rivalidade (Carvalho, Relva & Fernandes, 2018).

Quando as interações entre irmãos são positivas, trazem grandes benefícios, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento de competências cognitivas e sociais (Noller, 2005). Um estudo de Milevsky (2005) explorou a relação fraterna com base no apoio que os irmãos desenvolvem no interior das fratrias, constatando que este apoio possibilita a passagem à vida adulta de uma forma menos solitária e está também associado a níveis mais baixos de depressão e a níveis mais altos de satisfação com a vida e autoestima (Sousa, Fernandes & Relva, 2022).

Outro estudo, realizado por Perkins (2022), procurou explorar o potencial *stress* familiar que é capaz de colocar irmãos em situações de risco que envolvam violência física e emocional entre irmãos e, de que forma, este risco foi exacerbado durante a pandemia. Uma menor satisfação com a vida e autocompetência, problemas comportamentais, relações disfuncionais

com os pares e ideação suicida estão associados à experiência deste tipo de violência. Durante a pandemia *COVID-19*, o tempo passado com irmãos, por vezes sem supervisão dos pais, aumentou e, conseqüentemente, a prevalência da violência foi maior. Este agravamento da violência na fratria, pode também ser explicado pelos desafios sociais, emocionais e económicos que as famílias tiveram de fazer.

A situação pandémica e os desafios e adaptações que exige põem à prova a capacidade de adaptação e resiliência dos indivíduos e também das famílias. A resiliência é a capacidade de enfrentar e recuperar perante as adversidades (Walsh, 1996). Na Psicologia, a resiliência refere-se aos fenómenos que explicam a capacidade de adaptação do ser humano, a promoção de mudanças, a superação de crises e acontecimentos de vida adversos de forma positiva e evolutiva (Brandão, Mahfound, & Nascimento, 2011).

A pandemia *COVID-19* apresentou-se como um evento stressante nas famílias, intensificando a vulnerabilidade da família e exigindo, dessa forma, um processo de reorganização e resiliência. Segundo Walsh (2003) existem processos chave que ajudam a que a resiliência seja desenvolvida. São três as dimensões designadas “processos chave”: sistema de crenças da família, padrões de organização familiares e comunicação e estratégias de resolução de problemas. A primeira dimensão – *Sistema de Crenças* – refere-se às perspetivas e aos significados que a família desenvolve em situações de crise e que afetam as soluções adotadas (Walsh, 2006). A dimensão, *Padrões Organizacionais*, diz respeito à abertura, à mudança, à flexibilidade, à conetividade e à identificação/utilização de recursos durante as crises (Walsh, 2006). A última dimensão, *Comunicação e Resolução de Problemas*, implica a comunicação nas famílias, a transmissão das crenças, a expressão emocional e as estratégias de resolução de problemas (Walsh, 2006).

A pandemia provocou inúmeras conseqüências que tiveram impacto em todo o mundo, e, principalmente na economia. As dificuldades económicas são um fator de *stress* e exercem uma grande influência no seio familiar, quer nos empregos, como também nas dinâmicas familiares.

De acordo com Black e Lobo (2008), as famílias resilientes apresentam uma interação ativa entre os elementos, onde existe proteção, otimismo, espiritualidade, flexibilidade e comunicação, conseguindo adaptar as suas rotinas e rituais face à crise. Estas capacidades promovem a proteção e também prevenção face aos fatores de risco, incentivando assim, a harmonia e equilíbrio da família. Theiss (2018), considera que a comunicação encontra-se profundamente ligada à resiliência. Através da comunicação é possível criar uma visão comum face às crises, assumindo responsabilidade coletiva.

Segundo Sequeira (2020), os resultados de um estudo que teve como objetivo conhecer o funcionamento e resiliência familiar durante o início da crise pandémica, constatou uma percepção de resiliência familiar elevada, no geral, especificamente na forma como a família perspetiva a crise como uma oportunidade – *Sistemas de Crenças*. Nas restantes dimensões, *Padrões Organizacionais e Comunicação e Resolução de Problemas*, a percepção da resiliência demonstrou também ser alta (Sequeira, 2020). Conclui-se também que as famílias suportam melhor esta crise pandémica do que as pessoas que residem sozinhas e que as “famílias ajustaram o seu funcionamento familiar face à crise, com coesão e flexibilidade, mantendo prioridades e rotinas” (Sequeira, 2020).

Um estudo que avaliou o *stress*, a resiliência e o bem-estar dos pais e dos filhos durante a pandemia *COVID-19* concluiu que as medidas de confinamento e as mudanças na rotina diária afetam negativamente as dimensões psicológicas dos pais, expondo os filhos a um risco significativo para o seu bem-estar (Cusinato, et al., 2020).

Conclui-se que a pandemia *COVID-19* teve repercussões no funcionamento e resiliência das famílias e naturalmente com grandes impactos nos mais jovens, ou seja, nos filhos. Tendo em conta os estudos apresentados, este trabalho pretende analisar de que forma é que os filhos (únicos e com irmãos) com distintas idades, famílias e condições socioeconómicas e sociais perceberam o seu funcionamento e resiliência familiar na pandemia *COVID-19*.

Materiais e Métodos

Objetivos

Este estudo tem como objetivo estudar o funcionamento e a resiliência familiar na pandemia *COVID-19*, de acordo com a percepção dos filhos. Definiram-se como objetivos específicos:

- 1) Analisar as percepções do funcionamento familiar dos filhos (únicos e com irmãos) tendo em conta a coesão, adaptabilidade, comunicação e satisfação com a família e em função de variáveis sociodemográficas, familiares e associadas à situação *COVID-19*.
- 2) Analisar as percepções da resiliência familiar dos filhos (únicos e com irmãos) tendo em conta os sistemas de crenças, padrões de organização familiares e a comunicação e resolução de problemas e em função de variáveis sociodemográficas, familiares e associadas à situação *COVID-19*.
- 3) Analisar as percepções do funcionamento e resiliência familiar dos filhos (únicos e com irmãos) quanto ao funcionamento e resiliência familiar nas distintas fases da situação pandémica.

Tipo de estudo

É um estudo quantitativo, de natureza transversal, pois “as variáveis são identificadas num ponto no tempo e as relações entre as mesmas são determinadas” (Sousa, Driessnack, & Mendes, 2007). Trata-se de um estudo correlacional visto que o objetivo é avaliar a relação entre duas ou mais variáveis (Sousa et al., 2007).

Para análise dos dados recorreu-se ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23 do Windows. Os procedimentos estatísticos foram definidos de acordo com o tipo de variáveis em causa.

Em primeiro lugar, procedeu-se à análise descritiva dos dados, incidindo sobre as frequências absoluta (n) e relativa (%) para as variáveis qualitativas, sobre a média (M), o desvio-padrão (DP) e os valores mínimo e máximo para as variáveis quantitativas.

Os resultados obtidos através do teste de normalidade de *Kolmogorov-Smirnov* indicaram uma distribuição não normal das variáveis ($p \leq 0,05$). Assim sendo, foram tidos em atenção os critérios de Kim (2013) para amostras superiores a 300 participantes, sendo que valores absolutos de curtose superiores a 7 e de assimetria superiores a 2 indicam não-normalidade substancial. Posto isto, os valores observados sobre a simetria (“si”) e a curtose (“cu”), indicaram uma distribuição normal para as subescalas da *FACES-IV* (“Coesão Equilibrada”: si= -0,145; cu = 0,449; “Flexibilidade Equilibrada”: si= 0,008; cu = -1,039; “Desmembrada”:

si = -0,022; cu = -1,251; “*Emaranhada*”: si = 0,029; cu = -0,549; “*Rígida*”: si = 0,341; cu = 0,719; “*Caótica*”: si = 0,099; cu = -0,566; “*Comunicação*”: si = -0,644, cu = 0,553; “*Satisfação*”: si = -0,395; cu = 0,140) e para as dimensões da WFRQ (“*Sistema de Crenças*”: si = -0,937; cu = 0,850; “*Padrões Organizacionais*”: si = -0,919; cu = 0,987; “*Comunicação e Resolução de Problemas*”: si = -0,457; cu = 0,391). Desta forma, optou-se pela utilização da estatística paramétrica: *Teste T de Student* para Dados Independentes para comparar duas variáveis e *Teste ANOVA* para comparar três ou mais variáveis (Laureano, 2013).

Participantes

Na Tabela 1, podemos observar a caracterização sociodemográfica dos participantes.

Participaram neste estudo 768 filhos. A amostra total compreende 161 adolescentes, 570 jovens adultos e 37 adultos que, embora adultos, continuam a colocar-se na posição de filhos, ou seja, não estão numa relação de casal, vivem com os seus pais e não têm, eles mesmos, filhos. A nacionalidade dos participantes é maioritariamente portuguesa ($n = 715$; 93,1%). Dos 768 sujeitos, 231 são do sexo masculino (30,1%) e 537 são do sexo feminino (69,9%). No que diz respeito ao estado civil, podemos observar que todos os participantes são solteiros ($n = 768$; 100,0%). Relativamente à orientação sexual, a maioria dos sujeitos são heterossexuais ($n = 536$; 69,8%). São trabalhadores por conta de outrem – 122 participantes (15,9%), por conta própria – 18 participantes (2,3%), estudante – 527 participantes (68,6%) e trabalhador(a) estudante – 64 participantes (8,3%). Dos 768 participantes, 286 (37,2%) concluíram o ensino secundário, 222 (28,9%) são licenciados e 74 (9,6%) têm um mestrado.

Tabela 1*Caracterização sociodemográfica dos participantes (N = 768)*

Variável	n	%
Nacionalidade		
Portuguesa	715	93,1
Brasileira	38	4,9
Espanhola	12	1,6
Angolana	2	0,3
Francesa	1	0,1
Sexo		
Masculino	231	30,1
Feminino	537	69,9
Idade		
Adolescentes (12-18)	161	21,0
Jovens Adultos (19-29)	570	74,2
Adultos (30-65)	37	4,8
Estado Civil		
Solteiro(a)	768	100,0
Situação Profissional		
Trabalhador(a) por conta de outrem	122	15,9
Trabalhador(a) por conta própria	18	2,3
Estudante	527	68,6
Trabalhador(a)-Estudante	64	8,3
Desempregado(a) com subsídio de desemprego	4	0,5
Desempregado(a) sem subsídio de desemprego	33	4,3
Habilitações Literárias		
Até 2º ciclo completo	38	4,9
3º Ciclo do Ensino Básico	148	19,3
Ensino Secundário	286	37,2
Licenciatura	222	28,9
Mestrado	74	9,6

Nota: N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes.

De acordo com a Tabela 2, quanto ao meio de residência, 339 vivem na cidade (44,1%), 234 vivem na aldeia (30,5%) e 195 vivem numa vila (25,4%). Ao nível dos rendimentos, 18 dos participantes (2,3%) tem rendimentos até 500€, 153 participantes (19,9%) identificam rendimentos familiares entre 500€ e 1000€, 328 (42,7%) têm rendimentos entre 1000€ e 2000€ e 178 (23,2%) apresentam rendimentos entre 2000€ e 3000€. Constatamos que a tipologia familiar mais frequente é família nuclear intacta ($n = 509$; 66,3%), seguindo-se família monoparental ($n = 135$; 17,6%). Relativamente à etapa do ciclo vital, 641 famílias estão na etapa de famílias com filhos adultos (83,5%) e 127 na etapa de famílias com filhos adolescentes (16,5%). Quanto ao número de irmãos, 286 participantes são filhos únicos (37,2%), 375 têm 1 irmão (48,8%), 99 têm 2 irmãos (12,9%) e 8 têm 3 irmãos (1,0%). A maioria dos participantes que responderam ao questionário, têm um agregado familiar composto por 4 elementos ($n = 307$; 40,0%).

Tabela 2*Caracterização sociofamiliar (N =768)*

Variável	n	%
Meio de Residência		
Cidade	339	44,1
Aldeia	234	30,5
Vila	195	25,4
Rendimentos		
Até 500€	18	2,3
Entre 500€ e 1000€	153	19,9
Entre 1000€ e 2000€	328	42,7
Entre 2000€ e 3000€	178	23,2
Mais de 3000€	87	11,3
N.R. ^a	4	0,5
Tipologia Familiar		
Família nuclear intacta	509	66,3
Família nuclear alargada	99	12,9
Família monoparental	135	17,6
Família reconstituída	22	2,9
Agregado unipessoal	3	0,4
Etapa do ciclo vital		
Família com filhos adolescentes	127	16,5
Família com filhos adultos	641	83,5
Subsistema Filial/ Fraternal		
0 irmãos	286	37,2
1 irmãos	375	48,8
2 irmãos	99	12,9
3 irmãos	8	1,0
Nº de elementos do agregado familiar		
1	2	0,3
2	68	8,9
3	255	33,2
4	307	40,0
5	110	14,3
6	22	2,9
7	4	0,5

Nota: N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; ^a = Não Respondeu.

Conforme se pode observar na Tabela 3, dos 768 sujeitos, 666 não tiveram infeção *COVID-19* (86,7%). Antes da situação pandémica, 329 sujeitos (42,8%) passavam entre 3 a 6h com a sua família. Também a maioria dos sujeitos ($n = 256$; 33,3%) passavam entre 3 a 6h com a sua família, antes da situação pandémica. Verifica-se que a maioria dos participantes responderam ao questionário desta investigação durante a Fase 2 da pandemia *COVID-19* ($n = 564$; 73,46%), que corresponde ao período do 1º Pós-Confinamento.

Tabela 3*Situação face à pandemia COVID-19 (N = 768)*

Variável	n	%	M	DP
Infeção COVID-19				
Sem infeção COVID-19	666	86,7	1,13	0,33
Com infeção COVID-19	102	13,3		
Horas passadas em família durante a pandemia COVID-19				
NR	2	0,3		
<1 hora	49	6,4		
Entre 1 a 3h	149	19,4		
Entre 3 a 6h	256	33,3	3,43	1,41
Entre 6 a 8h	134	17,4		
Entre 8 a 10h	83	10,8		
> a 10h	95	12,4		
Fases COVID-19				
Fase 1	101	13,2		
Fase 2	564	73,4	2,10	0,73
Fase 3	31	4,0		
Fase 4	72	9,4		

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; Fase 1 = 1.º Confinamento de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 = 1.º Pós-confinamento de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 = 2.º Confinamento de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 = 2.º Pós-confinamento a partir de 15/03/2021.

Procedimentos

Este estudo integra um projeto de investigação mais vasto com o título “Funcionamento Familiar e Resiliência em Contexto de Pandemia COVID-19”, realizado por uma equipa de investigadores do Instituto Superior Miguel Torga.

Os dados foram recolhidos através da plataforma *Google Forms*, sendo que o estudo foi divulgado nas redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Messenger*, *WhatsApp* e através de *email*. Foi partilhado um *link* de acesso ao questionário, com a apresentação dos objetivos da investigação e do consentimento informado com esclarecimento em relação à participação confidencial e voluntária no estudo. A resposta ao questionário tem a duração de 20 minutos.

O questionário foi aplicado em papel a pessoas sem possibilidade de aceder a meios digitais.

O processo de recolha de dados foi realizado entre março de 2020 e junho de 2021.

Como critérios de inclusão definiu-se ter idade igual ou superior a 12 anos, sendo que, aos participantes com menos de 18 anos, foi solicitado o consentimento dos pais/representantes legais.

O presente estudo implicou que os participantes respondessem a este questionário em distintas fases da pandemia. Serão apresentados os resultados destas várias fases que correspondem a períodos de confinamento e desconfinamento. Estes períodos foram organizados da seguinte forma: a Fase 1 corresponde ao primeiro confinamento, que decorreu entre o dia 22 de março de 2020 e o dia 02 de maio de 2020; seguindo-se a Fase 2, que

corresponde ao pós-confinamento, decorrido entre as datas 03 de maio de 2020 a 17 de janeiro de 2021; Após um aumento dos casos de infeções diárias e um maior número de mortes registadas, a 18 de janeiro de 2021 é decretado o estado de emergência, que se traduziu no segundo confinamento ocorrido em Portugal – designado nesta investigação por Fase 3, que culminou a 14 de março de 2021; por fim, a Fase 4 diz respeito ao período depois desta data até junho de 2021 uma vez que os portugueses não voltaram a passar por mais nenhum período de confinamento.

Instrumentos

O protocolo de investigação é composto por um questionário sociodemográfico de dados complementares e avaliação da situação *COVID-19* e dois questionários de auto-resposta: *FACES-IV (Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar)* (Sequeira, Cerveira, Silva, Neves, Vicente, Espírito-Santo, & Guadalupe, 2015) e *WFRQ (Walsh Family Resilience Questionnaire)* (Walsh, 2015).

1. Questionário sociodemográfico de dados complementares e avaliação da situação COVID-19

Este questionário avalia variáveis sociodemográficas de cada participante (e.g., idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, situação profissional e meio de residência), bem como o agregado familiar de cada participante (e.g., constituição, número de filhos, rendimento médio mensal da família) e dimensões relativas à situação *COVID-19*.

2. Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale

A *FACES-IV* é um instrumento de avaliação que foi desenvolvido por Olson, Gorall e Tiesel, em 2004, partindo do Modelo Circumplexo proposto por Olson, que apresenta como principal objetivo a avaliação da perceção do funcionamento familiar em duas dimensões: coesão e flexibilidade (Olson, 2011). A versão aplicada neste estudo foi a *FACES IV* Portuguesa traduzida e validada por Sequeira e colaboradores em 2015 (Sequeira et al., 2021).

A escala é constituída por seis subescalas, entre as quais: duas subescalas equilibradas (coesão e flexibilidade) e quatro subescalas desequilibradas (emaranhada e desmembrada, no que se refere à coesão; e caótica e rígida, no que se refere à flexibilidade). Inclui, ainda, duas outras subescalas que pretendem avaliar a satisfação e a comunicação familiares (Olson, 2011). Na Tabela 4, estão descritas as subescalas e os respetivos itens.

Tabela 4*Subescalas da FACES-IV – distribuição dos itens*

Subescalas	Itens	Nº total de itens
Coesão equilibrada	1,7,13,19,25,31,37	7
Flexibilidade equilibrada	2,8,14,20,26,32,38	7
Desmembrada	3,9,15,21,27,33,39	7
Emaranhada	4,10,16,22,28,34,40	7
Rígida	5,11,17,23,29,35,41	7
Caótica	6,12,18,24,30,36,2	7
Comunicação	43,44,45,46,47,48,50,51,52	10
Satisfação	53,54,55,56,57,58,59,60,61,62	10

A subescala coesão equilibrada refere-se à ligação emocional que os vários elementos da família possuem uns com os outros e ao modo como a família equilibra proximidade-separação (item 19 – *os elementos da família consultam-se sobre decisões importantes*) (Sequeira et al, 2021).

As subescalas coesão - desmembrada e emaranhada, qualificam-se como níveis extremos de coesão que são considerados desequilibrados no sistema familiar (item 21 – *quando há um problema para ser resolvido cada um está por sua conta* e item 22 – *os elementos da família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família*) (Sequeira et al, 2021).

A subescala flexibilidade equilibrada refere-se aos indicadores de flexibilidade ajustada (item 20 – *a minha família é capaz de se ajustar às mudanças quando é necessário*) (Sequeira et al, 2021).

As subescalas flexibilidade - rígida e caótica, avaliam os níveis extremos de flexibilidade (item 23 – *a nossa família é extremamente organizada* e item 24 – *é pouco claro quem é responsável pelas tarefas e atividades na nossa família*) (Sequeira et al, 2021).

A subescala comunicação, refere-se à comunicação positiva que é usada entre os membros do sistema familiares (item 43 – *na nossa família sentimos-nos satisfeitos com a forma como comunicamos uns com os outros*) (Sequeira et al, 2021).

A subescala satisfação avalia o grau de satisfação que cada elemento da família tem em relação ao seu funcionamento familiar (item 53 – *o grau de proximidade entre os elementos da família*) (Sequeira et al, 2021).

Em relação à cotação da escala, a seguir ao somatório das subescalas, os resultados brutos (A, B, C, D, E e F) podem ser convertidos em percentis, preenchendo a folha perfil (Anexo 1). Esta folha permite não só uma “perceção geral do funcionamento da família” através da identificação das “dimensões mais saudáveis ou mais problemáticas”, como também enquadrá-la nas 6 tipologias familiares encontradas por Olson e Gorall (2006) (*Figura 1*).

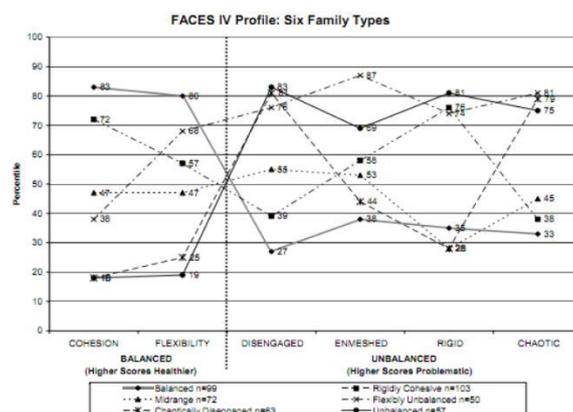


Figura 1. Folha de perfil representativa das 6 tipologias familiares

Na Tabela 5, apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos na validação da *FACES-IV* original (Olson, 2011) e na sua validação para a população portuguesa (Sequeira et al, 2021).

Tabela 5

Coefficiente da consistência interna das subescalas da FACES-IV

Subescalas		<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach</i> (Sequeira et al., 2021)	<i>Alfa de Cronbach</i> (Olson, 2011)
Equilibradas	Coesão	0,799	0,77	0,89
	Flexibilidade	0,848	0,64	0,84
	Desmembrada	0,924	0,74	0,87
Desequilibradas	Emaranhada	0,786	0,47	0,77
	Rígida	0,500	0,65	0,82
	Caótica	0,721	0,73	0,86
Comunicação		0,939		
Satisfação		0,946		0,93
Total		0,882		

3. Walsh Family Resilience Questionnaire

A *WFRQ* tem como objetivo avaliar a resiliência familiar, onde são avaliadas três dimensões – o *Sistema de Crenças*, os *Padrões Organizacionais* e a *Comunicação e Resolução de Problemas*.

A escala é constituída por 32 questões do tipo *Likert*, numa escala de 1 a 5, onde (1) raramente/nunca, (2) poucas vezes, (3) às vezes, (4) frequentemente e (5) quase sempre.

Na Tabela 6, estão detalhadas as dimensões que constituem a escala e os respetivos itens.

Tabela 6

Distribuição dos itens pelas respectivas dimensões da escala WFRQ

Dimensões	Itens	Nº total de itens
Sistema de Crenças	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 26, 29	16
Padrões Organizacionais	8, 10, 11, 12, 13, 14, 27, 28, 30, 31	10
Comunicação e Resolução de Problemas	19, 20, 21, 22, 23, 32	6

O *Sistema de Crenças*, segundo Walsh (2006), é uma força poderosa para a resiliência. As famílias elaboram um sistema de crenças comum que a ajuda e orienta na recuperação quando passam por adversidades. Este sistema de crenças requer a capacidade de dar sentido à adversidade, enfoque positivo aos eventos, e ainda, a transcendência a espiritualidade (item 3 – *abordamos uma crise como um desafio que conseguimos gerir e superar se partilharmos esforços*) (Walsh, 2006).

Os *Padrões Organizacionais* da família, dizem respeito a uma abertura à mudança, flexibilidade, conetividade e identificação/utilização dos recursos disponíveis (item 13 – *acreditamos que podemos aprender e fortalecer-nos através dos desafios que enfrentamos*) (Walsh, 2006).

A dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas*, implica, uma comunicação saudável, com mensagens claras e a partilha de eventos/sentimentos dolorosos. Esta dimensão comunicacional implica a aceitação das diferenças entre os elementos da família e incentiva a liberdade de expressão emocional (item 32 – *planeamos e preparamo-nos para o futuro e tentamos prevenir crises*) (Walsh, 2006).

Na Tabela 7, apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos em cada dimensão nesta investigação, assim como o *Alfa de Cronbach* da versão italiana.

Tabela 7

Coefficiente da consistência interna das dimensões da WFRQ

Dimensões	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach (Rocchi et al., 2017)</i>
Sistema de Crenças	0,963	0,928
Padrões Organizacionais	0,931	0,863
Comunicação e Resolução de Problemas	0,806	0,567
Total	0,974	0,946

Resultados

Percepção do funcionamento familiar em contexto de Pandemia COVID-19

Na Tabela 8, encontram-se os resultados médios obtidos nas subescalas equilibradas da *FACES-IV*. Na subescala *Coesão*, observam-se resultados médios altos, sendo que os participantes percebem a sua família como algo coesa ($M = 23,99$). Na subescala *Flexibilidade*, os participantes percebem a família como flexível ($M = 21,96$).

Sintetiza também os resultados médios e baixos obtidos nas subescalas desequilibradas da *FACES-IV*. Os resultados são médios baixos nas subescalas *Desmembrada* ($M = 21,34$) e *Emaranhada* ($M = 22,43$) e ligeiramente mais baixos nas subescalas *Rígida* ($M = 19,15$) e *Caótica* ($M = 18,41$). Observa-se ainda que a *Comunicação* é considerada mediana ($M = 35,91$) bem como a *Satisfação* ($M = 34,81$).

Tabela 8*Subescalas FACES-IV (N = 768)*

Subescalas	n (%)	M	DP	Intervalo
	928 (52,5%)			
Coesão equilibrada	484 (27,4%) 356 (20,1%)	23,99	5,12	7 – 35
	517 (29,2%)			
Flexibilidade equilibrada	643 (36,4%) 608 (34,4%)	21,96	5,84	7 – 35
	609 (34,4%)			
Desmembrada	284 (16,1%) 214 (12,1%) 401 (22,7%) 260 (14,7%)	21,34	7,29	7 – 35
	215 (12,2%)			
Emaranhada	624 (35,3%) 367 (20,8%) 406 (23%) 156 (8,8%)	22,43	5,20	7 – 35
	398 (22,5%)			
Rígida	956 (54,1%) 327 (18,5%) 73 (4,1%) 14 (0,8%)	19,15	3,57	7 – 33
	643 (36,4%)			
Caótica	612 (34,6%) 411 (23,2%) 93 (5,3%) 9 (0,5%)	18,41	4,82	7 – 33
	166 (14%) 108 (9,1%)			
Comunicação	243 (20,6%) 477 (40,4%) 188 (15,9%)	35,91	7,88	10 – 50
	277 (23,4%)			
Satisfação	377 (31,9%) 186 (15,7%) 219 (18,5%) 123 (10,4%)	34,81	8,02	10 – 50

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão.

Na Tabela 9, podemos observar que os filhos adultos são os que percecionam a sua família como sendo mais coesa ($M = 24,63$) e flexível ($M = 22,95$). Apenas existem diferenças estatisticamente significativas na escala *Rígida*, com os filhos adolescentes a pontuarem mais alto ($M = 19,99$), embora todos os valores médios dos grupos sejam muito baixos ou baixos, indicando assim uma baixa perceção de disfuncionalidade. Os filhos adolescentes percecionam a família como mais *Emaranhada*, *Rígida* e *Caótica* e os filhos adultos são os que percecionam melhor *Comunicação* e maior *Satisfação* familiar ($M_{comunicação} = 36,63$; $M_{satisfação} = 35,28$).

Em função do sexo, nas subescalas *Coesão* e *Desmembrada*, observam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$). As mulheres ($M_{coesão} = 23,75$; $M_{flexibilidade} = 21,77$)

percecionam a sua família como mais coesa e flexível em comparação com os homens. Os homens apresentam valores mais altos nas subescalas *Desmembrada*, *Rígida* e *Caótica* ($M_{desmembrada} = 21,85$; $M_{rígida} = 19,70$; $M_{caótica} = 18,66$), percecionando a sua família como mais *Desequilibrada* em comparação com as mulheres. As mulheres apresentam níveis mais elevados de *Comunicação* e *Satisfação* ($M_{comunicação} = 34,61$; $M_{satisfação} = 33,78$), mas sem diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 9

Subescalas da FACES-IV e categorias de idade e sexo (N = 768)

FACES-IV																
Categorias de Idades	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas											
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica					
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP				
Adolescentes (n = 161)	23,53	4,90	22,18	5,15	21,18	6,50	22,15	4,50	19,99	3,65	18,90	4,89				
Jovens Adultos (n = 570)	23,44	5,00	21,52	5,45	21,35	6,90	21,73	5,15	18,94	3,67	18,41	4,51				
Adultos (n = 38)	24,63	5,91	22,95	6,91	20,45	6,18	22,11	4,09	19,50	3,10	17,63	4,21				
<i>F</i>	1,000 ^{NS}		1,925 ^{NS}		0,328 ^{NS}		0,513 ^{NS}		5,300**		1,390 ^{NS}					
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	**	1vs2	-				
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-				
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-				
Sexo	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
Masculino (n = 231)	22,98	4,75	21,64	5,31	21,85	6,20	21,78	5,02	19,70	3,77	18,66	4,81				
Feminino (n = 537)	23,75	5,13	21,77	5,47	21,01	7,00	21,86	4,95	18,97	3,59	18,40	4,48				
<i>t</i>	-1,946*		-0,316 ^{NS}		1,578*		-0,196 ^{NS}		2,539**		0,742 ^{NS}					
Categorias de Idades					Comunicação				Satisfação							
			<i>M</i>				<i>DP</i>				<i>M</i>		<i>DP</i>			
	Adolescentes (n = 161)		35,04				7,58				34,27		7,85			
	Jovens Adultos (n = 570)		34,28				7,98				33,56		8,47			
Adultos (n = 38)		36,63				6,32				35,28		7,43				
<i>F</i>					1,991 ^{NS}				1,109 ^{NS}							
Sexo	<i>M</i>				<i>DP</i>				<i>M</i>				<i>DP</i>			
Masculino (n = 231)	34,43				7,55				33,83				8,00			
Feminino (n = 537)	34,61				7,96				33,78				8,43			
<i>t</i>					-0,298 ^{NS}				-0,080 ^{NS}							

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; t = T de Student; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Adolescentes; 2 = Jovens Adultos; 3 = Adultos; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo.

Quanto aos rendimentos familiares, na Tabela 10, observaram-se diferenças estatisticamente significativas na escala *Rígida* entre os filhos que vivem em famílias com rendimentos mensais entre 500 e 1000 euros ($M = 20,10$) e os que têm entre 1000 e 2000 euros ($M = 19,05$) e mais de 3000 euros ($M = 18,26$), sendo que os primeiros apresentam maior rigidez. Ainda assim as pontuações indicam baixa perceção de rigidez.

Os filhos cujas famílias têm rendimentos acima de 3000€ apresentam uma melhor percepção da *Comunicação* e da *Satisfação* familiar ($M_{comunicação} = 35,70$; $M_{satisfação} = 35,57$), observando-se diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos cujas famílias têm rendimentos entre 500€ e 1000€ ($M_{comunicação} = 33,01$; $M_{satisfação} = 32,33$) e sujeitos cujas famílias têm rendimentos entre 1000€ e 2000€ ($M_{comunicação} = 35,02$; $M_{satisfação} = 34,12$) e quem tem rendimentos superiores a 3000€ ($M_{comunicação} = 35,70$; $M_{satisfação} = 35,57$).

Tabela 10
Subescalas da FACES-IV e rendimentos familiares (N = 746)

FACES-IV													
Rendimentos	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas								
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Entre 500 e 1000€ (n = 153)	22,95	5,16	21,62	5,20	20,78	6,57	21,61	5,04	20,10	4,11	18,84	4,50	
Entre 1000 e 2000€ (n = 328)	23,83	5,16	22,04	5,43	21,32	6,88	22,13	4,79	19,05	3,61	18,35	4,60	
Entre 2000 e 3000€ (n = 178)	23,62	4,72	21,82	5,55	20,89	6,85	21,45	4,90	19,17	3,38	18,25	4,50	
+ de 3000€ (n = 87)	23,59	5,05	21,06	5,42	22,07	6,85	21,57	5,72	18,26	3,42	18,33	4,71	
<i>F</i>	1,046 ^{NS}		0,808 ^{NS}		0,827 ^{NS}		0,919 ^{NS}		5,218***		0,541 ^{NS}		
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	*	1vs2	-	
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	***	1vs4	-	
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	
3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-		
Comunicação													
Rendimentos	M				DP				Satisfação				
	M		DP		M		DP		M		DP		
Entre 500 e 1000€ (n = 153)	33,01		7,71		32,33		8,27		35,02		7,85		
Entre 1000 e 2000€ (n = 328)	35,02		7,85		34,12		8,25		34,43		8,55		
Entre 2000 e 3000€ (n = 178)	34,43		8,15		33,60		8,55		35,70		7,90		
+ de 3000€ (n = 87)	35,70		7,49		35,57		7,90						
<i>F</i>	2,995*				3,131*								
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	*				1vs2				-			
	1vs3	-				1vs3				-			
	1vs4	*				1vs4				*			
	1vs5	-				1vs5				-			
	2vs3	-				2vs3				-			
	2vs4	-				2vs4				-			
	2vs5	-				2vs5				-			
	3vs4	-				3vs4				-			
3vs5	-				3vs5				-				
4vs5	-				4vs5				-				

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Entre 500 e 1000€; 2 = Entre 1000 e 2000€; 3 = Entre 2000 e 3000€; 4 = + de 3000€; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo; Os sujeitos que não responderam (n = 4) e com rendimentos até 500€ (n = 18) foram excluídos para análise por ter um n inferior a 30.

Na Tabela 11, os filhos com habilitações literárias até ao 2º ciclo do ensino básico apresentam valores mais altos na subescala da *Coesão* ($M = 25,13$), *Flexibilidade* ($M = 28,87$) e *Rígida* ($M = 20,26$). Os sujeitos que completaram o ensino secundário, apresentam valores mais elevados na subescala *Desmembrada* ($M = 22,06$) e na *Caótica* ($M = 18,78$). Por último,

os sujeitos com licenciatura exibem valores mais elevados na subescala *Emaranhada* ($M = 22,15$). Podemos observar diferenças estatisticamente significativas nas subescalas da *Coesão*, *Flexibilidade*, *Desmembrada*, *Rígida*. Os participantes que têm habilitações literárias até o 2º ciclo do ensino básico apresentam uma melhor percepção da *Comunicação* e da *Satisfação* familiar ($M_{comunicação} = 36,37$; $M_{satisfação} = 36,61$).

Tabela 11

Subescalas da FACES-IV e habilitações literárias (N = 768)

FACES-IV												
Habilitações Literárias	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Até 2º ciclo do Ensino Básico (n = 38)	25,13	4,70	23,87	4,82	18,29	5,96	21,87	3,52	20,26	4,06	17,92	5,03
3º ciclo do Ensino Básico (n = 148)	23,98	4,73	22,70	5,06	20,23	6,08	21,33	4,47	20,22	3,34	18,34	4,65
Ensino Secundário (n = 286)	22,93	5,16	21,07	5,56	22,06	7,00	22,05	5,28	19,06	3,74	18,78	4,54
Licenciatura (n = 222)	23,48	5,03	21,43	5,53	21,81	7,10	22,15	5,30	18,63	3,49	18,38	4,44
Mestrado (n = 74)	24,18	5,04	22,15	5,07	20,18	5,98	21,04	4,19	18,74	3,80	18,20	4,81
F	2,604*		4,051**		4,578***		1,210 ^{NS}		5,542***		0,581 ^{NS}	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	*	1vs3	**	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	*	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-
	2vs3	-	2vs3	*	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	**	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	***	2vs4	-
	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	*	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-
	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-
Comunicação												
Habilitações Literárias	M		DP		M		DP					
Até 2º ciclo do Ensino Básico (n = 38)	36,37		6,68		36,61		6,27					
3º ciclo do Ensino Básico (n = 148)	34,68		7,57		33,53		7,94					
Ensino Secundário (n = 286)	34,51		8,04		33,55		8,67					
Licenciatura (n = 222)	34,57		8,32		34,12		8,54					
Mestrado (n = 74)	33,53		6,54		32,97		7,44					
F	0,836 ^{NS}				1,464 ^{NS}							

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Até 2º ciclo do Ensino Básico; 2 = 3º ciclo do Ensino Básico; 3 = Ensino Secundário; 4 = Licenciatura; 5 = Mestrado; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo

Na Tabela 12, observam-se diferenças estatisticamente significativas quanto à percepção de *Comunicação* e *Satisfação* familiar, sendo que as pessoas que vivem numa vila ($M_{comunicação} = 36,32$; $M_{satisfação} = 35,43$) percebem maior comunicação e satisfação em comparação com quem vive numa aldeia ($M_{comunicação} = 34,06$; $M_{satisfação} = 33,43$) e cidade ($M_{comunicação} = 33,89$; $M_{satisfação} = 33,13$). Sem diferenças estatisticamente significativas, os filhos que residem numa

cidade percebem a sua família como mais desmembrada e caótica ($M_{desmembrada} = 21,67$; $M_{caótica} = 18,72$). Por sua vez, as famílias que residem numa vila percebem as suas famílias como mais coesas e emaranhadas ($M_{coesão} = 24,15$; $M_{emaranhada} = 21,93$). E, por fim, as famílias que residem em aldeias percebem-se como mais flexíveis e rígidas ($M_{flexibilidade} = 21,67$; $M_{rígida} = 19,24$).

Tabela 12

Subescalas da FACES-IV e meio de residência (N = 768)

FACES-IV													
Meio de Residência	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas						
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Cidade (n = 339)	23,16	5,09	21,62	5,29	21,67	6,71	21,90	4,92	19,14	3,43	18,72	4,41	
Vila (n = 195)	24,15	4,76	22,00	5,61	20,87	7,09	21,93	4,87	19,22	3,73	18,03	4,72	
Aldeia (n = 234)	23,51	5,12	21,67	5,46	21,01	6,62	21,65	5,14	19,24	3,93	18,51	4,70	
F	2,412 ^{NS}		0,331 ^{NS}		1,082 ^{NS}		0,224 ^{NS}		0,058 ^{NS}		1,420 ^{NS}		
Meio de Residência	Comunicação				Satisfação								
	M		DP		M		DP						
Cidade (n = 339)	33,89		7,61		33,13		7,94						
Vila (n = 195)	36,32		7,06		35,43		7,72						
Aldeia (n = 234)	34,06		8,56		33,43		9,06						
F	6,753***				5,137**								
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2		**		1vs2		**						
	1vs3		-		1vs3		-						
	2vs3		**		2vs3		*						

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Cidade; 2 = Vila; 3 = Aldeia; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; NS = Não significativo.

Na Tabela 13, quanto à tipologia familiar, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Porém, os filhos pertencentes a famílias nucleares intactas percebem a sua família como sendo mais *Flexível* ($M = 21,84$) e *Rígida* ($M = 19,29$) os que pertencem à famílias nucleares alargadas apresentam maior *Coesão* ($M = 23,89$) e os que vivem numa família monoparental, percebem as suas famílias mais *Desmembradas* ($M = 22,07$) e *Emaranhadas* ($M = 21,87$). As famílias nucleares alargadas são as que melhor percebem a *Comunicação* e a *Satisfação* familiar ($M_{comunicação} = 35,57$; $M_{satisfação} = 34,08$).

Tabela 13

Subescalas da FACES-IV e tipologia familiar (N=743)

FACES-IV												
Tipologia Familiar	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Família nuclear intacta (n = 509)	23,57	4,94	21,84	4,48	21,08	6,68	21,76	4,93	19,29	3,60	18,42	4,56
Família nuclear alargada (n = 99)	23,89	5,04	21,51	5,50	20,88	6,99	21,76	5,19	19,18	3,70	18,22	4,91
Família monoparental (n = 135)	22,90	5,13	21,28	5,09	22,07	6,55	21,87	4,90	19,09	3,83	18,82	4,34
F	1,339 ^{NS}		0,638 ^{NS}		1,306 ^{NS}		0,026 ^{NS}		0,087 ^{NS}		0,577 ^{NS}	
Tipologia Familiar	Comunicação				Satisfação							
	M		DP		M		DP					
Família nuclear intacta (n = 509)	34,43		7,92		33,76		8,82					
Família nuclear alargada (n = 99)	34,57		8,18		34,08		8,15					
Família monoparental (n=135)	34,50		7,50		33,35		8,34					
F	0,016 ^{NS}				-0,230 ^{NS}							

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; NS = Não significativo; O agregado unipessoal (n = 3) e família reconstituída (n = 22), foram excluídas para análise por ter um n inferior a 30.

Na Tabela 14, correspondente ao número de irmãos e à comparação das médias da FACES-IV em função do número de irmãos (sem irmãos, 1 irmão e 2 irmãos) não evidencia diferenças estatisticamente significativas. Porém realça-se que os sujeitos que tem 2 irmãos são quem apresenta resultados mais elevados nas escalas da *Coesão* (M = 24,22) e *Flexibilidade* (M = 22,42) equilibradas e também na *Comunicação* (M = 35,15) e *Satisfação* (M = 34,59).

Tabela 14

Subescalas da FACES-IV e número de irmãos (N = 760)

FACES-IV												
Número de irmãos	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
0 irmãos (n = 286)	23,36	5,39	21,79	5,43	21,07	6,98	21,92	5,06	19,12	3,97	18,04	4,73
1 irmão (n = 375)	23,37	4,83	21,38	5,49	21,63	6,68	21,77	4,98	19,28	3,52	18,84	4,44
2 irmãos (n = 99)	24,22	4,58	22,42	5,00	20,80	6,68	22,14	4,70	19,12	3,26	18,52	4,59
F	1,250 ^{NS}		1,556 ^{NS}		0,871 ^{NS}		0,230 ^{NS}		0,194 ^{NS}		2,509 ^{NS}	
Número de irmãos	Comunicação				Satisfação							
	M		DP		M		DP					
0 irmãos (n = 286)	33,95		8,16		33,24		8,58					
1 irmão (n = 375)	34,91		7,93		33,93		8,40					
2 irmãos (n = 99)	35,15		6,39		34,59		6,99					
F	1,519 ^{NS}				0,928 ^{NS}							

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; NS = Não significativo; A fratria de três elementos, foi excluída para análise por ter um n inferior a 30 (n = 8).

A análise dos valores da *FACES-IV* em função do número de elementos do agregado familiar (Apêndice A) permitiu observar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Porém os sujeitos cujas famílias têm 4 elementos percecionam maior *Coesão* ($M = 23,92$), *Flexibilidade* ($M = 22,24$), *Rigidez* ($M = 19,53$), melhor *Comunicação* ($M = 34,94$) e *Satisfação* ($M = 34,17$). E os que vivem numa família com 5 elementos maior desmembramento, emaranhamento e caoticidade ($M_{desmembrada} = 22,26$; $M_{emaranhada} = 22,45$; $M_{caótica} = 19,48$).

Relativamente à análise da percepção de funcionamento familiar considerando a etapa do ciclo vital em que as famílias dos participantes se encontram – família com filhos adolescentes e adultos – não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos e os resultados são muito idênticos. Porém, os participantes que se encontram na adolescência percecionam, ligeiramente, maior flexibilidade ($M = 21,89$), mais comunicação ($M = 34,95$) e estão mais satisfeitos com a família ($M = 34,17$) e os adultos mais coesão ($M = 23,63$) (Apêndice B).

Funcionamento familiar (*FACES-IV*) e variáveis *COVID-19*

Foram analisadas as percepções do funcionamento familiar em função de variáveis associadas à pandemia *COVID-19*. Analisou-se a percepção dos filhos em função da infeção de pessoas da família e do tempo passado em conjunto antes e durante a pandemia.

Na Tabela 15, podemos observar diferenças estatisticamente significativas. Os filhos cujas famílias não tiveram ninguém da família infetado com *COVID-19* percecionam as suas famílias como mais equilibradas ($M_{coesão} = 23,72$; $M_{flexibilidade} = 21,99$) e rígidas ($M = 19,27$) e os sujeitos em cujas famílias foram verificadas infeções, são percecionadas como sendo mais desequilibradas, pontuando valores mais elevados nas subescalas *Desmembrada* ($M = 23,37$), *Emaranhada* ($M = 23,36$) e *Caótica* ($M = 19,86$).

Tabela 15*Subescalas da FACES IV e infeções por COVID-19 (N = 768)*

	FACES-IV											
	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
Infeção por COVID-19	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Sem infeção COVID-19 (n = 666)	23,72	5,07	21,99	5,51	20,94	6,79	21,60	4,93	19,27	3,76	18,27	4,62
Com infeção COVID-19 (n = 102)	22,21	4,53	20,01	4,43	23,37	6,39	23,36	5,01	18,66	2,89	19,86	4,03
<i>t</i>	2,847**		3,461***		-3,389***		-3,354***		1,576*		-3,287***	
	Comunicação						Satisfação					
Infeção por COVID-19	M			DP			M			DP		
Sem infeção COVID-19 (n = 666)	34,57			8,00			33,77			8,46		
Com infeção COVID-19 (n = 102)	34,47			6,77			34,07			7,11		
<i>t</i>	0,120 ^{NS}						-0,349 ^{NS}					

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; *t* = T-Student; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade da Coesão Familiar versão IV; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; NS = Não significativo.

Na Tabela 16, apresentam-se os resultados em função das fases da pandemia em que os sujeitos responderam ao protocolo. Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os filhos que responderam em diferentes fases em todas as subescalas, à exceção da subescala *Rígida*. A perceção de funcionamento familiar é melhor na Fase 1 e pior na Fase 4. Os participantes que participaram na Fase 1 – 1º confinamento – apresentam os valores mais altos nas subescalas Equilibradas ($M_{coesão} = 26,87$; $M_{flexibilidade} = 25,44$). Na Fase 2 observam-se valores mais elevados na subescala *Rígida* ($M = 19,31$) e na última fase da pandemia COVID-19, que corresponde à Fase 4, a perceção do funcionamento familiar foi mais desequilibrado, observando-se valores mais baixos nas subescalas equilibradas da *Coesão* ($M = 20,81$) e *Flexibilidade* ($M = 17,74$) e mais elevados nas subescalas *Desmembrada* ($M = 25,67$), *Emaranhada* ($M = 24,83$), *Caótica* ($M = 20,51$). Os valores mais altos observam-se na Fase 1, no que se refere às subescalas da *Comunicação* e *Satisfação* ($M_{comunicação} = 35,10$; $M_{satisfação} = 34,52$).

Tabela 16*Subescalas da FACES-IV e Fases da pandemia COVID-19 (N = 768)*

FACES-IV												
	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
Fases COVID-19	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Fase 1 (n = 101)	26,87	4,13	25,44	4,55	16,34	4,33	18,93	3,30	18,86	3,93	15,29	4,14
Fase 2 (n = 564)	23,32	4,98	21,62	5,32	21,53	6,81	21,90	5,06	19,31	3,71	18,77	4,54
Fase 3 (n = 31)	22,58	5,67	21,00	5,02	22,35	7,20	23,13	4,22	18,10	3,37	18,90	4,50
Fase 4 (n = 72)	20,81	3,83	17,74	4,19	25,67	5,05	24,83	4,36	19,14	2,82	20,51	3,25
F	24,657***		32,543***		31,795***		22,701***		1,412 ^{NS}		23,900***	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	-	1vs2	***
	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	-	1vs3	***
	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	-	1vs4	***
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	-	2vs4	**
	3vs4	-	3vs4	*	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
Comunicação												
Fases COVID-19					M		DP					
Fase 1 (n = 101)					35,10		7,92					
Fase 2 (n = 564)					34,71		7,83					
Fase 3 (n = 31)					33,90		7,68					
Fase 4 (n = 72)					32,86		7,83					
F					1,431 ^{NS}							
Satisfação												
Fases COVID-19					M		DP					
Fase 1 (n = 101)					34,52		8,26					
Fase 2 (n = 564)					33,83		8,40					
Fase 3 (n = 31)					33,19		8,35					
Fase 4 (n = 72)					32,90		7,45					
F					0,594 ^{NS}							

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; Fase 1 = 1.º Confinamento de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 = 1.º Pós-confinamento de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 = 2.º Confinamento de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 = 2.º Pós-confinamento a partir de 15/03/2021; 1 = Fase 1; 2 = Fase 2; 3 = Fase 3; 4 = Fase 4; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; ^{NS} = Não significativo

Na Tabela 17, foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos em função do tempo passado em família durante a pandemia COVID-19 na maioria das subescalas da FACES-IV, à exceção das subescalas *Emaranhada* e *Rígida*. Os sujeitos das famílias que passavam entre 8 a 10 h reunidas perceberam maior *Flexibilidade* (M = 22,90) e *Emaranhamento* (M = 22,13). Os sujeitos que passavam mais de 10 horas em família pontuaram valores mais altos nas subescalas da *Coesão* (M = 24,73) e *Rígida* (M = 19,94). Os sujeitos que passavam entre 1 a 3 horas reunidas durante a pandemia COVID-19 perceberam as famílias como mais *Desequilibradas*, pontuando valores mais elevados nas subescalas *Caótica* (M = 19,14), os que que passavam entre 3 a 6 horas reunidas perceberam as famílias como mais *Desmembradas* (M = 21,71). Os sujeitos das famílias que passavam entre 8 a 10 horas reunidas durante a pandemia COVID-19, perceberam uma melhor *Comunicação* (M = 34,87) e as famílias que passavam entre 6 a 8 horas reunidas apresentaram maiores níveis de *Satisfação* (M = 34,69).

Tabela 17

Subescalas da FACES-IV e tempo passado em família durante a pandemia COVID-19 (N = 766)

FACES-IV																
	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas											
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica					
Horas passadas em família durante a pandemia COVID-19	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP				
< a 1 hora (n = 49)	20,73	4,35	18,57	4,31	25,82	5,22	22,41	6,22	18,49	3,76	20,20	4,12				
Entre 1 a 3 h (n = 149)	23,00	5,02	21,61	4,98	21,62	6,70	21,66	4,90	19,07	3,40	19,14	4,42				
Entre 3 a 6h (n = 256)	23,18	4,84	21,35	5,47	21,71	7,10	21,80	5,25	19,00	4,06	18,68	5,00				
Entre 6 a 8h (n = 134)	24,42	5,14	22,14	5,80	20,37	6,16	21,95	4,56	19,08	3,41	18,02	4,00				
Entre 8 a 10h (n = 83)	24,23	5,51	22,90	5,42	20,07	6,75	22,13	4,32	19,66	2,95	18,18	4,36				
> a 10h (n = 95)	24,73	4,63	22,86	5,29	19,52	6,62	21,47	4,79	19,94	3,66	17,03	4,38				
F	6,004***		5,498***		7,224***		0,341 ^{NS}		1,630 ^{NS}		4,434***					
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	-	1vs2	**	1vs2	**	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-				
	1vs3	*	1vs3	**	1vs3	***	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-				
	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	*				
	1vs5	***	1vs5	***	1vs5	***	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-				
	1vs6	***	1vs6	***	1vs6	***	1vs6	-	1vs6	-	1vs6	***				
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-				
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-				
	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-				
	2vs6	-	2vs6	-	2vs6	-	2vs6	-	2vs6	-	2vs6	**				
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-				
	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-				
	3vs6	-	3vs6	-	3vs6	-	3vs6	-	3vs6	-	3vs6	*				
	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-				
	4vs6	-	4vs6	-	4vs6	-	4vs6	-	4vs6	-	4vs6	-				
	5vs6	-	5vs6	-	5vs6	-	5vs6	-	5vs6	-	5vs6	-				
	Comunicação						Satisfação									
	M				DP				M				DP			
Horas passadas em família durante a pandemia COVID-19																
< a 1 hora (n = 49)	32,22				9,23				32,00				8,68			
Entre 1 a 3 h (n = 149)	34,89				7,19				33,68				7,62			
Entre 3 a 6h (n = 256)	34,41				8,21				33,61				8,85			
Entre 6 a 8h (n = 134)	35,34				7,30				34,69				7,85			
Entre 8 a 10h (n = 83)	34,87				7,38				33,76				8,39			
> a 10h (n = 95)	34,27				8,16				34,20				8,14			
F	1,254 ^{NS}						0,843 ^{NS}									

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade da Coesão Familiar versão IV; 1 = < a 1 hora; 2 = entre 1 a 3 horas; 3 = entre 3 a 6 horas; 4 = entre 6 a 8 horas; 5 = entre 8 a 10 horas; 6 = > a 10 horas; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo; A variável correspondente a NR foi excluída para análise por ter um n inferior a 30 (n = 2).

Perceção da Resiliência Familiar em Contexto de Pandemia COVID-19

A Tabela 18, sintetiza os resultados obtidos nas dimensões da *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*. Na subescala *Sistema de Crenças*, observam-se resultados altos ($M = 58,90$) e nas dimensões *Padrões Organizacionais* e *Comunicação e Resolução de Problemas* valores médios altos ($M_{\text{padrões organizacionais}} = 36,40$) e ($M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 21,62$).

Tabela 18
Dimensões da WFRQ (N = 768)

Dimensão	M	DP	Intervalo
Sistema de Crenças	58,90	13,76	16 – 80
Padrões Organizacionais	36,40	8,30	10 – 50
Comunicação e Resolução de Problemas	21,62	4,62	6 – 30

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão.

Na Tabela 19, embora não sejam encontradas diferenças estatisticamente significativas, podemos observar que os filhos adultos são os que percebem a sua família como mais resiliente nas dimensões dos *Sistema de Crenças* ($M = 61,82$) e na dimensão *Padrões Organizacionais* ($M = 38,16$). Os filhos adolescentes são os que melhor percebem a *Comunicação e Resolução de Problemas* ($M = 21,69$). As filhas apresentam valores mais elevados em todas as dimensões da *WFRQ* ($M_{\text{sistema de crenças}} = 59,22$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 36,64$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 21,62$).

Tabela 19
Dimensões da WFRQ e categorias de idade e sexo (N = 768)

Categorias de idade	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Adolescentes (n = 161)	58,79	14,12	36,48	8,39	21,69	5,07
Jovens Adultos (n = 580)	58,72	13,78	36,25	8,36	21,60	4,53
Adultos (n = 40)	61,82	11,76	38,16	6,79	21,61	3,91
F	0,906 ^{NS}		0,952 ^{NS}		0,025 ^{NS}	
Sexo	M	DP	M	DP	M	DP
Masculino (n = 232)	58,11	13,77	35,81	8,30	21,60	4,75
Feminino (n = 537)	59,22	13,75	36,64	8,29	21,62	4,56
t	- 1,028 ^{NS}		- 1272 ^{NS}		- 0,68 ^{NS}	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; t = T de Student; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; NS = Não significativo.

Na tabela 20, é possível observar diferenças estatisticamente significativas em função dos rendimentos familiares em todas as dimensões, sendo possível verificar que os filhos que vivem em famílias com rendimentos acima dos 3000€ pontuam valores mais altos em todas as dimensões da escala *WFRQ* ($M_{\text{sistema de crenças}} = 61,48$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 37,53$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 22,60$).

Tabela 20

Dimensões da WFRQ e rendimentos familiares (N = 746)

	<i>WFRQ</i>					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Rendimentos						
Entre 500 e 1000€ (n = 153)	55,95	14,01	35,07	8,60	20,29	4,73
Entre 1000 e 2000 (n = 328)	60,02	12,82	37,13	7,81	21,96	4,19
Entre 2000 e 3000 (n = 178)	58,59	15,33	35,83	9,00	21,92	5,07
+ de 3000 € (n = 87)	61,48	12,81	37,53	7,97	22,60	4,53
<i>F</i>	4,145**		2,964*		6,437***	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	**	1vs2	*	1vs2	***
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	**
	1vs4	**	1vs4	-	1vs4	***
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = Entre 500 e 1000€; 2 = Entre 1000 e 2000€; 3 = Entre 2000 e 3000€; 4 = + de 3000€; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; As variáveis correspondentes a "NR" (n = 4) e rendimentos até 500€ (n = 18) foram excluídas para análise por apresentarem um n inferior a 30.

Na Tabela 21, observam-se diferenças estatisticamente significativas em função do meio de residência em todas as dimensões, sendo possível observar que as famílias que residem numa vila, pontuam valores mais altos em todas as dimensões da escala *WFRQ* ($M_{\text{sistema de crenças}} = 61,24$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 37,75$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 22,65$).

Tabela 21

Dimensões da WFRQ e meio de residência (N = 768)

	<i>WFRQ</i>					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Meio de Residência						
Cidade (n = 339)	58,04	13,62	35,73	8,30	21,13	4,67
Vila (n = 195)	61,24	12,65	37,75	7,42	22,65	4,42
Aldeia (n = 234)	58,18	14,66	36,23	8,88	21,47	4,59
<i>F</i>	3,818*		3,752*		6,951***	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	**	1vs2	*	1vs2	***
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	*

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = Cidade; 2 = Vila; 3 = Aldeia; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001.

Na Tabela 22, embora sem diferenças estatisticamente significativas, as famílias nucleares intactas pontuam valores mais elevados na dimensão da *Comunicação e Resolução de Problemas* ($M = 21,50$) e as famílias monoparentais apresentam valores mais elevados nas dimensões *Sistema de Crenças* ($M = 59,28$) e *Padrões Organizacionais* ($M = 36,81$).

Tabela 22

Dimensões da WFRQ e tipologia familiar (N = 743)

Tipologia Familiar	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Família nuclear intacta (n = 509)	58,49	13,88	36,20	8,51	21,50	4,65
Família nuclear alargada (n = 99)	59,36	15,06	36,52	8,91	22,23	4,81
Família monoparental (n = 135)	59,28	12,55	36,81	7,27	21,39	4,41
F	0,290 ^{NS}		0,310 ^{NS}		1,161 ^{NS}	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; ^{NS} = Não significativo. A variável correspondente ao agregado unipessoal (n = 3) e a variável família reconstituída (n = 22), foram excluídas para análise por ter um n inferior a 30.

Na Tabela 23, embora não sejam verificadas diferenças estatisticamente significativas, verifica-se que os sujeitos com 1 irmão, percecionam a resiliência familiar mais elevada em todas as dimensões da escala WFRQ ($M_{\text{sistema de crenças}} = 59,22$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 36,54$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 21,74$).

Tabela 23

Dimensões da WFRQ e Número de Irmãos (N = 760)

Número de Irmãos	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
0 irmãos (n = 286)	58,48	14,05	36,25	8,53	21,40	4,75
1 irmão (n = 375)	59,22	13,84	36,54	8,35	21,74	4,55
2 irmãos (n = 99)	58,47	13,01	35,93	7,60	21,63	4,59
F	0,271 ^{NS}		0,241 ^{NS}		0,443 ^{NS}	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; ^{NS} = Não significativo. A variável composta por três irmãos, que corresponde a uma fratria de 4 elementos, foi excluída para análise por ter um n inferior a 30 (n = 8).

Na Tabela 24, embora não sejam verificadas diferenças estatisticamente significativas, observa-se que a percepção da resiliência familiar foi mais elevada em famílias sem infeção COVID-19 em todas as dimensões da escala WFRQ ($M_{\text{sistema de crenças}} = 60,30$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 37,55$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 21,93$).

Tabela 24*Dimensões da WFRQ e infecções por COVID-19 (N = 768)*

Infecção por COVID-19	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Sem infecção COVID-19 (n = 666)	58,68	13,87	36,22	8,37	21,57	4,63
Com infecção COVID-19 (n = 102)	60,30	13,04	37,55	7,78	21,93	4,51
<i>t</i>	-1,107 ^{NS}		-1,503 ^{NS}		-0,737 ^{NS}	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh; ^{NS} = Não significativo.

Na Tabela 25, não são observadas diferenças estatisticamente significativas, no entanto, é possível observar que na Fase 1 da pandemia COVID-19 as famílias se perceberam como mais resilientes em todas as dimensões da escala WFRQ ($M_{\text{sistema de crenças}} = 59,85$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 36,69$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 21,85$), comparativamente com as restantes fases.

Tabela 25*Dimensões da WFRQ e Fases da pandemia COVID-19 (N = 768)*

Fases COVID-19	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Fase 1 (n = 101)	59,85	13,62	36,69	8,22	21,85	4,00
Fase 2 (n = 564)	58,79	13,78	36,39	8,36	21,66	4,73
Fase 3 (n = 31)	59,29	14,74	36,13	8,92	21,29	4,36
Fase 4 (n = 72)	58,25	13,63	36,14	7,85	21,11	4,65
<i>F</i>	0,234 ^{NS}		0,076 ^{NS}		0,440 ^{NS}	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh; Fase 1 = 1.º Confinamento de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 = 1.º Pós-confinamento de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 = 2.º Confinamento de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 = 2.º Pós-confinamento a partir de 15/03/2021; ^{NS} = Não significativo.

No Apêndice C, verifica-se que, embora sem diferenças estatisticamente significativas, as famílias cujos elementos possuem uma licenciatura, pontuam valores mais altos em todas as dimensões da escala WFRQ ($M_{\text{sistema de crenças}} = 60,32$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 37,35$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 22,11$).

A análise dos valores da WFRQ em função do número de elementos do agregado familiar (Apêndice D), permitiu observar que, embora sem diferenças estatisticamente significativas os filhos de famílias com 2 elementos pontuam valores mais altos na dimensão *Padrões Organizacionais* ($M = 36,72$), com 4 elementos pontuam valores mais altos na dimensão

Sistema de Crenças das ($M = 59,00$) e com 5 elementos pontuam valores mais altos na dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas* ($M = 22,11$).

Relativamente à análise das etapas do ciclo vital (Apêndice E) em que os participantes se encontram, embora sem diferenças estatisticamente significativas observadas, os filhos que se encontram na etapa do ciclo vital com filhos adultos pontuam valores mais altos na escala *WFRQ* quanto ao sistema de crenças ($M = 59,53$) e padrões organizacionais ($M = 36,83$) e os adolescentes na comunicação e resolução de problemas ($M = 21,92$).

Na análise dos valores da *FACES-IV* em função do tempo passado em família durante a pandemia *COVID-19* (Apêndice F) é possível observar, sem diferenças estatisticamente significativas registadas, que os filhos que passavam entre 6 a 8 horas reunidas durante a pandemia *COVID-19*, se perceberam como mais resilientes, pontuando mais elevado nas dimensões *Sistema de Crenças* ($M = 59,65$) e *Padrões Organizacionais* ($M = 37,20$). Relativamente à dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas*, os que passavam entre 8 a 10 horas reunidos com as suas famílias durante a pandemia *COVID-19*, registaram valores mais elevados ($M = 22,27$).

Discussão dos Resultados

Os principais resultados permitem concluir que:

1) os filhos percebem, no geral, coesão e flexibilidade médias, baixo desmembramento, emaranhamento, rigidez e caoticidade e satisfação e comunicação médias;

2) são verificadas diferenças quanto à idade e sexo dos filhos, mas não existem diferenças estatisticamente significativas em função da tipologia familiar. As médias são marginalmente mais altas o que não significa nem uma percepção de funcionamento familiar diferente, nem uma resiliência diferente.

3) os filhos cujas famílias possuem rendimentos mais baixos percebem a sua família como mais rígida e menos resiliente e os filhos com famílias com rendimentos superiores a 3000€ percebem maior satisfação com a família, melhor comunicação e percebem-se como mais resilientes em todas as dimensões;

4) os filhos em cujas famílias não houve elementos com infecção *COVID-19* apresentam maior coesão e flexibilidade equilibradas e, embora sem diferenças estatisticamente significativas, a resiliência familiar percebida é mais alta nos sujeitos em que houve pessoas da família infetadas;

5) a percepção de funcionamento e resiliência familiares é melhor na Fase 1 da pandemia (1º confinamento) e pior na Fase 4 (2º desconfinamento).

O primeiro resultado da presente investigação evidencia que os filhos apresentam médias mais baixas em todas as dimensões. Apesar de perceberem coesão e flexibilidade médias, no geral, os resultados são mais baixos, percebendo baixo desmembramento, emaranhamento, rigidez e caoticidade satisfação e comunicação médias. Comparativamente com outros estudos científicos realizados com outras populações, os resultados do estudo com filhos são mais baixos. O estudo de Santos (2022), mostra que pais e filhos apresentam diferentes percepções do funcionamento familiar, sendo que os pais percebem a sua família mais funcional e os filhos menos funcional, concluindo assim, que as médias da percepção do funcionamento familiar dos pais são mais elevadas. Outro estudo realizado por Lopes (2020), com uma população de adolescentes, demonstrou menores níveis de coesão e flexibilidade equilibrada e comunicação menor, durante o período pandémico. Também segundo Silva (2021), os pais percebem a sua família com um funcionamento mais equilibrado e com uma boa comunicação e satisfação familiar, comparativamente aos filhos que perceberam baixo funcionamento equilibrado, pior comunicação e satisfação mais baixa. Estes dados permitem hipotetizar que a posição na família é relevante na percepção do funcionamento familiar. Os

filhos, independentemente da idade, parecem ter uma percepção de funcionamento familiar mais negativa e isto poderá dever-se a vários fatores contextuais seus, da família e do meio onde vivem. Individualmente é possível que se encontrem mais focados na sua dinâmica individual e que a família possa ser percebida como um elemento de stress nos seus desafios desenvolvimentais. Outro aspeto poderá ser uma menor experiência de vida e de vivência de outros papéis familiares, o que pontua uma perspetiva menos alargada do funcionamento da família (por exemplo já ter sido pai ou mãe muda a perspetiva sobre a família) e também da capacidade de relativizar e lidar com situações de crise, podendo avaliar de forma mais negativa aquilo que podem ser dificuldades normativas da família.

O segundo resultado deste estudo mostra que não existem diferenças estatisticamente significativas entre tipologias familiares, contrariamente ao que tem sido demonstrado em estudos anteriores. Por outro lado, o estudo revela diferenças estatisticamente significativas quanto à idade e sexo dos filhos, demonstrando que os filhos adolescentes têm uma percepção das suas famílias mais desequilibrada e que o sexo feminino apresenta uma percepção mais coesa das suas famílias. Relativamente à percepção apenas dos filhos, constata-se não ser muito relevante o tipo de família. Seguem-se alguns estudos *COVID-19*, já realizados anteriormente, que identificam que a percepção dos filhos é sempre pior (Almeida, 2014; Neves, 2015; Santos, 2022; Silva, 2021). O estudo realizado por Santos (2022) corrobora esta ideia, mostrando que pais e filhos evidenciam diferentes percepções do funcionamento familiar, dado que os filhos apresentam uma percepção mais negativa da sua família. E evidencia, ainda, que o subsistema parental manifesta maior resiliência familiar quando comparado com os filhos. Complementarmente, Almeida (2014), investigou a relação entre a percepção de filhos e pais sobre o funcionamento familiar e o autoconceito dos filhos adolescentes, demonstrando que estes têm uma percepção mais negativa do funcionamento familiar, comparativamente com os pais. A investigação de Silva (2021) apresenta diferenças estatisticamente significativas na variável do sexo, demonstrando que as mulheres apresentam uma percepção mais coesa das suas famílias, quando comparadas com os homens, corroborando, assim, os resultados do presente estudo que demonstram que o sexo feminino apresenta valores mais altos nas subescalas da *Coesão e Flexibilidade*. Na mesma linha de pensamento, Neves (2015) mostra que o sexo masculino tende a perceber um maior desmembramento das suas famílias, ao passo que o sexo feminino tende a perceber maior coesão. As mulheres percebem, também, a sua família como mais resiliente comparativamente com os homens (Silva, 2021). Quanto à tipologia familiar, de acordo com Silva (2021), os participantes que pertencem a famílias nucleares intactas percebem-se como tendo um funcionamento mais equilibrado, uma

percepção mais positiva sobre a comunicação e maior satisfação familiar. Sujeitos pertencentes a famílias reconstituídas percebem o seu funcionamento familiar como mais flexível, mais emaranhado e rígido, em comparação com outras tipologias. Famílias nucleares intactas são as que percebem maior resiliência familiar e, as pessoas que vivem sozinhas menor resiliência familiar. Este resultado, vai ao encontro de um estudo realizado por Shek et al. (2015), em que o principal objetivo era estudar as diferenças existentes no funcionamento familiar entre as famílias nucleares intactas e as outras configurações familiares, tendo-se verificado que o funcionamento familiar era mais positivo nas famílias nucleares intactas, comparativamente com as restantes configurações familiares, dado que não se observou no presente estudo apenas com irmãos.

Quanto ao terceiro resultado, os estudos sobre situação *COVID-19*, até ao momento têm apontado que as famílias com baixos rendimentos percebem o funcionamento e resiliência mais baixa. A investigação de Santos (2022) demonstrou que o funcionamento familiar varia em função do rendimento mensal, sendo que os sujeitos de famílias com rendimentos mais baixos percebem menor coesão, flexibilidade e satisfação. A percepção de resiliência familiar varia, também, em função dos rendimentos, sendo que, à medida que os rendimentos aumentam a percepção de resiliência também é mais elevada, em todas as dimensões. De acordo com King et al. (2015) menores recursos financeiros geram maior stress que, conseqüentemente, conduz a uma menor satisfação, ou seja, quanto maior o rendimento maior a satisfação familiar. Para além da satisfação, famílias com rendimentos acima dos 600€ também perceberam ser mais flexíveis (Cerveira, 2015). A presente investigação vem confirmar os resultados já obtidos, pois verificou-se que os filhos cujas famílias possuem rendimentos mais baixos, tendem a perceber a sua família como rígida e menos resiliente e os filhos com famílias com rendimentos superiores a 3000€ percebem maior satisfação com a família, melhor comunicação e percebem-se como mais resilientes em todas as dimensões.

O quarto resultado, aponta que os filhos em cujas famílias não houve elementos com infeção *COVID-19* apresentam maior coesão e flexibilidade equilibradas. A infeção *COVID-19*, ao nível do funcionamento familiar, gera uma crise perturbadora que afeta todas as rotinas da família, o nível da coesão e também a comunicação entre os elementos da família em casos de isolamento (umas das outras ou do contexto à sua volta), consequência de infeção *COVID-19*. Assim, ao nível do funcionamento, a infeção *COVID-19*, assume-se como uma crise acidental com um grande impacto, sendo expectável que influencie o funcionamento da família para pior, uma vez que esta se vai ter de mudar as suas rotinas e padrões de funcionamento de forma drástica quando alguém está infetado. A pandemia causada pela *COVID-19*, provocou

mudanças significativas nas rotinas das famílias. O distanciamento social/físico levou à permanência de crianças e jovens nas suas casas e, alguns deles, ao lado de pais em situações de trabalho instáveis ou que se encontravam a trabalhar remotamente, consequência do isolamento. A delimitação e a repartição de espaços comuns na casa, dada a necessidade de os membros da família permanecerem em isolamento por alargados períodos e realizarem diferentes atividades nesse ambiente representa outro desafio. A necessidade de adaptação da exposição dos filhos às tecnologias foi uma novidade a ser gerida pelos pais com dificuldade, pois estas passaram a ser mais aplicadas em contexto de escola/trabalho e para manter ligações com o ambiente extrafamiliar (Silva, 2021). Segundo Silva et al. (2020), as dinâmicas familiares sofreram alterações durante o período da pandemia *COVID-19*. O distanciamento determinado pelas medidas de contingência contribuiu para a fragilização da rede de suporte das famílias e o elevado número de óbitos e infeções resultaram num impacto significativo nas interações entre as pessoas. Um estudo realizado por Almeida et al. (2020), com o objetivo de estudar as reações emocionais dos pais e das crianças e adolescentes à infeção *COVID-19*, mostrou que o grupo de adolescentes com infeção manifestou níveis relativamente baixos de depressão, ansiedade e *stress*. Por outro lado, quando comparados com os filhos, os pais apresentaram níveis de depressão, ansiedade e *stress* mais elevados, exprimindo, desta forma, a preocupação perante a doença dos filhos (Almeida et al., 2020). Outro estudo realizado por Patrão et al. (2020), teve como objetivo avaliar o impacto psicossocial, ao longo do estado de emergência, de uma amostra de adultos portugueses, tendo sido avaliados o estado emocional, o tipo de preocupações e as suas necessidades. Uma percentagem significativa dos participantes afirma sentir-se ansioso, irritado, deprimido e exausto. Também grande parte dos participantes sente que as suas rotinas foram perturbadas, tal como o seu sono. Uma pequena parte refere, ainda, que sente necessidade de apoio psicológico. Este padrão de impacto psicossocial é mais acentuado nas últimas semanas do período de estado de emergência, em comparação com as primeiras semanas. Isto sugere uma maior exacerbação dos sintomas como depressão, ansiedade, exaustão, irritação, e necessidade de apoio psicológico à medida que as restrições se mantêm no tempo (Patrão et al., 2020).

O último resultado desta investigação mostra que os filhos têm uma perceção de funcionamento e resiliência familiares melhor na Fase 1 da pandemia (confinamento) e pior na Fase 4 (2º desconfinamento). Na primeira fase da pandemia, que corresponde ao 1º Confinamento, os filhos percecionam as suas famílias como mais equilibradas, na fase 2 e na fase 4 da pandemia, período que corresponde ao 1º Pós-confinamento e 2º Pós-confinamento, os participantes percecionam as suas famílias como mais desequilibradas, obtendo pontuações

mais baixas nas subescalas equilibradas e pontuações elevadas nas subescalas desequilibradas. As crises acidentais correspondem a acontecimentos imprevisíveis que podem impactar fortemente a organização da estrutura do sistema familiar e encontram-se, habitualmente, associadas ao stress que resulta de um problema específico, como é o caso da pandemia *COVID-19* (Alarcão, 2002). O estudo de Santos (2022) com sujeitos de todas as idades e em distintas posições familiares (pais, filhos, casal) e tipologias (família nuclear intacta, monoparental, alargada, reconstituída e casais sem filhos) corrobora este resultado, demonstrando que durante as duas primeiras fases da pandemia *COVID-19*, os participantes percecionam o seu funcionamento familiar como equilibrado e nas duas últimas fases percecionam-no como desequilibrado. As crises surgem quando o sistema se sente ameaçado e são uma oportunidade de mudança para que outras formas de funcionamento surjam. Embora possa sentir necessidade de transformação e, conseqüente alteração do padrão habitual de funcionamento, a família, teme o desconhecido e, em função disso, fixa-se no padrão de relação/ funcionamento que já conhece. Segundo Minuchin (1979), a crise assume-se, co-existentemente, ocasião (de evolução, crescimento) e risco (de impasse, disfuncionalidade).

Conclusões

Esta investigação contribui para perceber mais profundamente o funcionamento e resiliência familiar, no contexto da crise pandémica focando-se na perceção dos filhos.

Os filhos em contexto pandémico, na sua generalidade, percebem as suas famílias como tendo coesão e flexibilidade médias, baixo desmembramento, emaranhamento, rigidez e caoticidade e medianas satisfação e comunicação familiares.

Contrariamente aos estudos realizados sobre funcionamento familiar com distintos elementos da família, estudados apenas os filhos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função da tipologia familiar. Ao mesmo tempo, indo ao encontro dos resultados já obtidos noutros estudos sobre *COVID-19*, os adolescentes apresentam uma perceção das suas famílias mais negativa e as mulheres percebem um funcionamento familiar melhor quando comparadas com os homens. Os filhos em cujas famílias não houve elementos com infeção *COVID-19* apresentam maior coesão e flexibilidade equilibradas, o que sugere o impacto da infeção nas dinâmicas da família.

Uma das contribuições da presente investigação é trazer para a discussão a perspetiva dos filhos, uma vez que existem poucos estudos nacionais e internacionais sobre o funcionamento e resiliência familiar, em contexto de pandemia no geral e, em particular, focados nos filhos.

Uma das limitações deste estudo foi a escassez de estudos nacionais sobre o funcionamento e resiliência familiar, em contexto de pandemia, tendo em conta a perspetiva dos filhos, que auxiliassem a enriquecer a discussão dos resultados. Outra imitação deste estudo centra-se na incapacidade de analisar se a perceção das fratrias se manteve no tempo, passando novamente o questionário aos sujeitos que outrora o responderam.

Este trabalho evidencia resultados com implicações clínicas para a intervenção com famílias em situações crise. Sobressai a necessidade de potenciar as famílias, com uma atenção específica para o subsistema filial, tendo em conta que, normativamente, este subsistema percebe a sua família como menos equilibrada, o que pode significar, por um lado, que é normativo face à etapa do ciclo vital em que se encontram mas, por outro lado, pode também evidenciar que poderá existir um espaço de trabalho a nível geral da comunidade com famílias adolescentes no sentido de fortalecer estas mesmas famílias.

As famílias que são mais desafiadas e que se confrontam com situações de *stress* desenvolvem mais mecanismos e estratégias de *coping* que aumentam a perceção de resiliência familiar. Estes resultados devem levar os profissionais a equacionar estratégias de intervenção

no sentido de dotar a família, tendo especial atenção com as fratrias, de estratégias para enfrentar eventos stressantes ou de crise.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios Familiares: Uma visão sistémica* [Family (un)balances: A systemic view] (2nd ed.). Quarteto Editora.
- Almeida, I. (2014). *Configuração Familiar, Perceção de Funcionamento Familiar e Autoconceito Adolescente: estudo exploratório sobre a perceção de funcionamento familiar e autoconceito do filho adolescente em famílias nucleares intactas, monoparentais, reconstituídas e alargadas*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/583>
- Almeida, P., Viana, V., Tavares, M., Reis-e-Melo, A., & Faria, C. (2020). *Impacto emocional imediato do COVID-19 em crianças e adolescentes e suas famílias*. *Psicologia, Saúde & Doenças* 21(3), 633-646. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210308>
- Black, K., & Lobo, M. (2008). *A conceptual review of family resilience factors*. *Journal of Family Nursing*. 14(1), 33-55: <https://doi.org/10.1177/1074840707312237>
- Blake, J. (1981). *Family Size and the Quality of Children*. *Demography* 18 (4), 421-442: <https://doi.org/10.2307/2060941>
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Nascimento, I. (2011). *A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens* [The construction of the concept of resilience in psychology: discussing the origins of resilience]. *Paidéia*, 21(49), 263-271. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>
- Cao, Y., Huang, L., Si, T., Wang, N., Qu, M., & Zhang, X. (2021). *The role of only-child status in the psychological impact of COVID-19 on mental health of Chinese adolescents*. *Journal of Affective Disorders*. 282:316-321. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.12.113>
- Carvalho, J., Relva, I., Fernandes, O. (2018). *Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria*. *Análise Psicológica* 36(1), 61-73: doi: 10.14417/ap.1354
- Cerveira, C. (2015). *Funcionamento das famílias: perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/486>
- Chung, G., Lanier, P., & Wong, P. (2020). *Mediating Effects of Parental Stress on Harsh Parenting and Parent-Child Relationship during Coronavirus (COVID-19) Pandemic in Singapore*. *Journal of Family Violence*. 37(5), 801-812: <https://doi.org/10.1007/s10896-020-00200-1>

- Cusinato, M., Iannatone, S., Spot, A., Poli, M., Moretti, C., Gatta, M., & Miscioscia, M. (2020). *Stress, Resilience and Well-Being in Italian Children and Their Parents during the COVID-19 Pandemic*. *Internacional Journal of Environmental Research and Public Health*, *17*(22): <https://doi.org/10.3390/ijerph17228297>
- Direcção-Geral da Saúde. (2020). *Informações Gerais sobre o vírus e a doença*. <https://covid19.min-saude.pt/category/perguntas-frequentes/>
- Everri, M., Mancini, T., & Fruggeri, L. (2016). The role of rigidity in adaptive and maladaptive families assessed by FACES IV: the points of view of adolescents. *Journal of Child and Family Studies*. (25), 2987-2997. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0460-3>
- Fegert, J., Vitiello, B., Plener, P., & Clemens, V. (2020). *Desafios e carga da pandemia Coronavírus para a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão narrativa para destacar necessidades clínicas e de pesquisa em fase aguda*. *Crianças e Adolescentes, Psiquiatria e Saúde Mental*. *14*(1), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s13034-020-00329-3>
- Ferreira da Silva, R., Macedo, M., & Conceição, J. (2022). A Pandemia COVID-19 em Portugal: Evolução, Vacinação e Farmacovigilância. *Revista Multidisciplinar*. 135-159.
- Hussong, A., Midgette, A., Richards, A., Petrie, R., Coffman, J., & Thomas, T. (2021). *COVID-19 Life Events Spill-Over on Family Functioning and Adolescent Adjustment*. <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-90361/v1>
- King, V., Boyd, L. M., & Thorsen, M. L. (2015). Adolescents Perceptions of Family Belonging in Stepfamilies. *Journal of Marriage and Family*, *77*(3), 761-774. <https://doi.org/10.1111/jomf.12181>
- Laureano, R. M. S. (2013). *Teste de Hipóteses com o SPSS – O Meu Manual de Consulta Rápida* (2nd ed.). Edições Sílabo.
- Lopes, B. (2020). *Perceção do funcionamento familiar em contexto de pandemia COVID-19: um estudo com adolescentes portuguesas [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]*. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/1243>
- Mansfield, A. K., Dealy, J. A., & Keitner, G. (2013). *Family Functioning and Income: Does Low-Income Status Impact Family Functioning?* *Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, *21*(3), 297-305: <https://doi.org/10.1177/1066480713476836>
- Marques da Costa, E., & Marques da Costa, N. (2020). O Processo Pandémico da Covid-19 em Portugal Continental. Análise Geográfica dos Primeiros 100 Dias. *Finisterra- Revista Portuguesa de Geografia*. <http://dx.doi.org/10.14393/Hygeia0054396>

- Maynard, P., & Olson, D. (1987). *Modelo circumplexo de sistema familiares: uma ferramenta de tratamento no aconselhamento familiar*. *Journal of Counseling & Development*, 65(9) 502-504: <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1987.tb00766.x>
- McGoldrick M., Carter, B. (2001). *Advances in coaching: family therapy with one person*. *J Marital Fam Ther*, 27(3):281-300: <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2001.tb00325.x>
- McGoldrick, M., Carter, B., & Garcia-Preto, N. (2014). *The Expanded Family Life Cycle Individual, Family, Social Perspectives* (4th edition). Pearson Education Limited.
- Milevsky, Avidan – Compensatory patterns of sibling support in emerging adulthood: Variations in loneliness, self-esteem, depression, and life satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*. Reino Unido. ISSN 0265-4075. 22:6 (2005) 743-755.
- Minuchin, P., Minuchin, S., & Colapinto, J. (1999). *Trabalhando com Famílias Pobres*. Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1979). *Familles en thérapie*. Paris. Ed Jean Pierre Delarge.
- Minuchin, S., Rosman, B., & Baker, L. (1978). *Psychosomatic Families: anorexia nervosa in context*. Harvard University Press, Cambridge.
- Neves, S. (2015). *Funcionamento Familiar e Autoconceito do Adolescente: percepção de pais e filhos [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]*. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga: <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/551>
- Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships*, 12(1), 1-22.
- Olson, D. (1986). *Circumplex Model VII: validation studies and FACES III*. *Family Process*, 25, 337-351: <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1986.00337.x>
- Olson, D. (2000). *Circumplex model of marital and family systems*. *Journal of Family Therapy*: 22 (2), 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. (2011). *FACES IV and circumplex model: validation study*. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64-80: <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D., & Gorall, D. (2006). *FACES IV & the Circumplex Model*. https://www.societyofpediatricpsychology.org/sites/default/files/files/3_innovations.pdf
- Olson, D., Russel, C., & Sprenkle, D. (1989). *Circumplex Model: Systemic Assessment and Treatment of Families*. New York : Haworth Press.
- Patrão, I., Araújo, A., Romano, A., Pinheiro, B., Figueiredo, C., Lobo, G., Pereira, I., Sena, J., Pestana, P., Cabral, S., Pereira, T., & Pimenta, F. (2020). Impacto Psicossocial do vírus

- COVID-19: emoções, preocupações e necessidades numa amostra portuguesa. *Psicologia, Saúde & Doenças* 21(3), 541-557. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210301>
- Perkins, N., Rai, A., Grossman, S. (2022). *Physical and emotional violence between siblings in time of COVID-19*. *Journal of Family Violence* 37 (1), 745-752: doi.org/10.1007/s10896-021-00249-6
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. (2020). *Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic*. *American Psychologist*, 75(5), 631-643. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, I. (2022). *Funcionamento e Resiliência Familiar na Pandemia COVID-19- Perspetiva Pais e Filhos* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga: https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/1421/1/INES_SANTOS_MPC_2022.pdf
- Sequeira, J. (2020). *Adaptação e resiliência familiar na crise. Reflexões em torno da pandemia COVID-19*. Congresso (Inter)Nacional Conversas de Psicologia, Coimbra.
- Sequeira, J., Cerveira, C. Silva, M., Neves, S., Vicente, H., Espírito-Santo, H. & Guadalupe, S. (2015). *Validation of FACES IV for the Portuguese population*.
- Sequeira, J., Vicente, H. T., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Santo, H. E., & Guadalupe, S. (2021). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – Version IV (FACES IV): validation study in the portuguese population. *Journal of Child and Family Studies*, 2021(30), 1650–1663. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01941-3>
- Shek, D. T. L., Xie, Q., & Lin, L. (2015). The impact of family intactness on family functioning, parental control, and parent-child relational qualities in Chinese context. *Frontiers in Pediatrics* 2 (149), 1-7. <https://doi.org/10.3389/fped.2014.00149>
- Silva, D. (2021). *Diversidade Familiar- Funcionamento e resiliência da família na Pandemia COVID-19* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga] . Repositório do Instituto Superior Miguel Torga: <https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/1316/1/Disserta%20c3%a7%20c3%a3%20de%20Mestrado%20-%20Diana%20Silva.pdf>
- Silva, I., Schimidt, B., Lordello, S., Noal, D., Crepaldi, M., & Wagner, A. (2020). *As relações Familiares diante da COVID-19: Recursos, Riscos e Implicações para a Prática da Terapia de Casal e Família* [Family relations before covid-19: resources, risks and

- implications for the practice of couple and family therapy]. *Revista Pensando Famílias*, 24(1), 12–28. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n1/v24n1a03.pdf>
- Solomon, M. A. (1973). *A Developmental, conceptual premise for family therapy*. *Family Process*, 12, 179-188: doi:10.1111/j.1545-5300.1973.00179.x
- Sousa, V., Driessnack, M., & Mendes, I. (2007). Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem. Parte 1: desenhos de pesquisa quantitativa [An overview of research designs relevant to Nursing. Part 1: quantitative research designs]. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3), 502–507. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300022>
- Sousa, A., Monteiro, O., Relva, I. (2022). *Fratrria: Afetos e estratégias de resolução de conflitos numa amostra de adolescentes*. *Configurações (Online)*, 11-32: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.15854>
- Theiss, J. A. (2018). Family communication and resilience. *Journal of Applied Communication Research*, 46(1), 10-13: <https://doi.org/10.1080/00909882.2018.1426706>
- Walsh, F. (1996). The concept of Family Resilience: Crisis and Challenge. *Family Process*, 35(3), 261-281: <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00261.x>
- Walsh, F. (2003). Family Resilience: A Framework for Clinical Practice. *Family Process*, 42(1): <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2003.00001.x>
- Walsh, F. (2006). *Strengthening Family Resilience* (2nd ed.). The Guilford Press.
- Walsh, F. (2015). *Fortalecimento da resiliência familiar* (3a ed). Imprensa Guilford.
- Walsh, F. (2020). Loss and Resilience in the Time of COVID-19: Meaning Making, Hope and Transcendence. *Family Process*, 59(3), 898-911. <https://doi.org/10.1111/famp.12588>
- Yao, Y., Wang, L., Chen, Y., Kang, Y., Gu, Q., Fang, W., Qing, R., Lu, W., Jin, Y., Ren, X., He, L., & Guo, D. (2015). Correlation analysis of anxiety status and sub-health status among students of 13-26 years old. *International Journal of Clinical and Experimental Medicine*, 8(6), 9810.
- World Health Organization. (2020). *Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it*. [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it)

ANEXOS

Anexo I – Questionário sociodemográfico, dados complementares e
relativos à situação *COVID-19*

Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

Solicitamos que leia com atenção as questões que se seguem, **respondendo com um X** nas opções de forma objetiva.

1. Idade: _____

2. Sexo:

Masculino

Feminino

3. Orientação Sexual

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Outra opção (Qual?) _____

4. Estado Civil:

Solteiro(a)

União de Facto

Casado(a)

Divorciado(a)

Recasado(a)/nova união de facto

Viúvo(a)

4.1. Há quanto tempo (em anos) está casado/ vive em união de facto?

5. Habilitações Literárias Concluídas:

Sabe ler e escrever (sem possuir grau de ensino)

1º Ciclo (até ao 4º ano de escolaridade)

2º Ciclo (até ao 6º ano)

3º Ciclo (até ao 9º ano)

Ensino Secundário (até ao 12º ano)

- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

6. Situação Profissional

- Trabalhador(a) por conta de outrem
- Trabalhador(a) por conta própria
- Estudante
- Trabalhador(a)-Estudante
- Desempregado(a) com subsídio de desemprego
- Desempregado(a) sem subsídio de desemprego
- Reformado(a)

7. Atualmente, encontra-se em teletrabalho ou a frequentar aulas on-line?

- Sim, totalmente em teletrabalho
- Sim, parcialmente em teletrabalho
- Não se aplica

8. Nacionalidade:

- Portuguesa
- Outra opção (Qual?) _____

9. Meio de Residência:

- Cidade
- Vila
- Aldeia

10. Distrito onde reside:

11. No momento atual, o concelho onde reside encontra-se em situação de:

- Risco moderado
- Risco elevado

- Risco muito elevado
- Risco extremamente elevado
- Desconheço

Dados relativos ao Agregado Familiar

12. Agregado Familiar Atual

Assinale todas as pessoas com quem vive atualmente:

- Sozinho(a)
 - Namorado(a)
 - Esposo(a) /Companheiro(a)
 - Filho/a(s)
 - Pai
 - Mãe
 - Irmão/ã(s)
 - Sogro(a)/s
 - Avó(ô)/s
 - Tio(a)/s
 - Primo(a)/s
 - Padrinho(s)/Madrinha(s)
 - Amigos e/ou colegas de escola/faculdade/instituição/trabalho/casa
 - Outra opção (Quais?):
-

13. Qual é o número de pessoas que constituem o agregado familiar atual, contando consigo?

14. Tem filhos?

- Não tenho
- 1 filho
- 2 filhos

- 3 filhos
- + de 3 filhos

14.1. Tem filhos em regime de residência alternada?

- Não tenho
- 1 filho
- 2 filhos
- Tenho 3 ou mais filhos

15. Indique, por favor, a idade do seu filho (no caso de ter mais do que um filho, indique a idade do mais velho).

16. Rendimento médio mensal líquido do seu agregado familiar atual. Assinale, por favor, a soma de todos os ordenados/rendimentos da família.

- Até 500€
- Entre 500€ e 1000€
- Entre 1000€ e 2000€
- Entre 2000€ e 3000€
- Mais de 3000€

17. Quantas horas passava, por dia, junto com a sua família antes da situação da pandemia por COVID-19, sem contar com as horas em que estão a dormir?

- Menos de 1 hora
- Entre 1 hora a 3 horas
- Entre 3 horas a 6 horas
- Entre 6 a 8 horas
- Entre 8 a 10 horas
- Mais de 10 horas

18. Alguém da sua família (nuclear e alargada) está atualmente doente (doença crónica ou aguda que não seja infeção por COVID-19)?

- Não
- Sim

Situação atual face à Pandemia COVID-19

19. Qual considera ser o seu grau de preocupação (em diferentes aspetos) face à situação atual de pandemia devido ao COVID-19? (Assinale na tabela com um X)

	1 - Nada Preocupado	2 - Pouco Preocupado	3 - Preocupado	4 - Muito Preocupado	5 - Muitíssimo Preocupado
Situação Pessoal					
Situação Familiar					
Situação Financeira					
Situação Escolar/ Profissional					
Estado de Saúde					
Situação Social					

20. Alguém do seu agregado familiar está ou esteve infetado com o COVID-19?

- Ninguém
- Eu
- Só 1 familiar está/esteve infetado
- 2 familiares estão/estiveram infetados
- 3 familiares estão/estiveram infetados
- + de 4 familiares estão/estiveram infetados

21. Atualmente, alguém do seu agregado familiar está em alguma das seguintes situações?

- Isolamento por COVID positivo
- Isolamento profilático
- Isolamento voluntário
- Assistência a filhos menores de 12 anos em isolamento
- Assistência a familiar doente
- Não se aplica

22. Identifique se alguma das seguintes situações ocorreu, consigo/com algum familiar:

- Doença - COVID-19
- Internamento
- Crime de desobediência
- Desemprego
- Diminuição significativa de rendimentos
- Morte (familiar ou amigos)
- Não se aplica
- Outra opção

23. No contexto da pandemia, que suportes e apoios solicitou e que não solicitava habitualmente? Assinale todos os suportes/apoios que solicitou.

- Familiares
- Vizinhos
- Amigos
- Colegas de trabalho
- Serviços institucionais (e.g. creche, escola, ATL, centro de saúde, IPSS, etc.)
- Apoio médico ou de enfermagem
- Apoio psicológico
- Pagamento de contas
- Ajuda em compras
- Ajuda material (e.g. bens alimentares, dinheiro)
- Alguém ficar/Tomar conta dos filhos

- Outra opção.... Qual?
- Não solicitei suporte/apoios adicionais

24. Qual considera ser o grau de preocupação da sua família face à atual situação de pandemia devido ao COVID-19?

	1 - Nada Preocupada	2 - Pouco Preocupada	3 - Preocupada	4 - Muito Preocupada	5 - Muitíssimo Preocupada
Grau de preocupação					

25. Refira os principais impactos que a pandemia está a ter na sua vida.

26. Quantas horas passa, por dia, com a sua família nesta situação atual de pandemia por COVID-19, sem contar com as horas em que estão a dormir?

- Menos de 1 hora
- Entre 1 hora a 3 horas
- Entre 3 horas a 6 horas
- Entre 6 a 8 horas
- Entre 8 a 10 horas
- Mais de 10 horas

Anexo II - Tabelas de Conversão da *FACES-IV*: Conversão de valores brutos em percentuais das subescalas equilibradas

Escala Equilibrada: Percentis e Níveis

Nível de Coesão	Pontuação bruta – Coesão	Pontuação do percentil – Coesão	Nível de Flexibilidade	Pontuação bruta – Flexibilidade	Pontuação do percentil – Flexibilidade
Algo coesa	7	10	Algo flexível	7	10
	8	10		8	10
	9	10		9	10
	10	10		10	10
	11	10		11	10
	12	10		12	10
	13	10		13	10
	14	10		14	10
	15	10		15	15
	16	10		16	15
	17	10		17	20
	18	12		18	25
	19	13		19	30
	20	14		20	35
Coesa	21	15	Muito flexível	21	40
	22	20		22	45
	23	25		23	50
	24	30		24	55
	25	35		25	60
	26	40		26	65
	27	50		27	70
	28	60		28	75
	29	69		29	83
	30	76		30	88
	31	81		31	93
Muito coesa	32	86	32	96	
	33	90	33	98	
	34	95	34	99	
	35	99	35	99	

Anexo III - Tabelas de Conversão da *FACES-IV*: Conversão de valores brutos em percentuais das subescalas desequilibradas

Escala Desequilibrada: Percentis e Níveis

Pontuação bruta Subescalas desequilibradas	Pontuação do percentil – Subescalas desequilibradas	Nível – Subescalas desequilibradas
7	10	
8	12	
9	13	
10	14	
11	15	Muito baixo
12	16	
13	18	
14	20	
15	24	
16	26	
17	30	
18	32	
19	34	Baixo
20	36	
21	40	
22	45	
23	50	Moderado
24	55	
25	60	
26	64	
27	68	Alto
28	70	
29	75	
30	80	
31	85	
32	90	Muito alto
33	95	
34	98	
35	99	

Anexo IV - Tabelas de Conversão da *FACES-IV*: Conversão de valores brutos em percentuais das subescalas Comunicação e Satisfação

Escala Comunicação e Satisfação: Percentis e Níveis

Pontuação bruta - Comunicação	Pontuação do percentil – Comunicação	Pontuação do percentil – Satisfação	Pontuação do percentil – Satisfação	Nível de Comunicação e Satisfação
10	10	10	10	
11	10	11	10	
12	10	12	10	
13	10	13	10	
14	10	14	10	
15	10	15	10	
16	10	16	10	
17	10	17	10	
18	10	18	10	
19	10	19	10	Muito baixo
20	10	20	10	
21	10	21	10	
22	10	22	10	
23	10	23	10	
24	12	24	12	
25	13	25	13	
26	14	26	14	
27	15	27	15	
28	18	28	18	
29	21	29	21	
30	24	30	24	Baixo
31	28	31	28	
32	32	32	32	
33	36	33	36	
34	40	34	40	
35	44	35	44	Moderado
36	50	36	50	
37	58	37	58	
38	62	38	62	
39	65	39	65	
40	70	40	70	Alto
41	74	41	74	
42	80	42	80	
43	83	43	83	
44	86	44	86	
45	88	45	88	
46	90	46	90	
47	94	47	94	Muito alto
48	96	48	96	
49	97	49	97	
50	99	50	99	

Anexo V – Grelha de cotação da *FACES-IV*

Grelha de Cotação da FACES IV							
Coesão e Flexibilidade	1.	2.	3.	4.	5.	6.	Colocar o valor de cada resposta no número correspondente. Somar na vertical para obter o valor de A, B, C, D, E, F (subescalas da FACES IV). Somar todos os valores das escalas comunicação e satisfação. Somatório de valores da P1. a P.52: 1. Discordo fortemente; 2. Discordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo fortemente
	7.	8.	9.	10.	11.	12.	
	13.	14.	15.	16.	17.	18.	
	19.	20.	21.	22.	23.	24.	
	25.	26.	27.	28.	29.	30.	
	31.	32.	33.	34.	35.	36.	
	37.	38.	39.	40.	41.	42.	
Total	A ____	B ____	C ____	D ____	E ____	F ____	Somatório de valores da P. 53 a P. 62: 1. Muito descontente; 2. Um tanto descontente; 3. Geralmente satisfeito; 4. Muito satisfeito; 5. Extremamente satisfeito
Comunicação	43.	44.	45.	46.	47.	48.	
	49.	50.	51.	52.			
Satisfação	53.	54.	55.	56.	57.	58.	
	59.	60.	61.	62.			

APÊNDICES

Apêndice A – Subescalas da *FACES-IV* e nº do agregado familiar

FACES-IV												
Nº agregado familiar	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
2 elementos (n = 68)	23,40	5,32	21,34	5,03	21,22	6,62	21,60	4,92	19,04	3,92	17,91	4,05
3 elementos (n = 255)	22,87	5,20	21,43	5,37	21,63	6,87	22,13	4,93	19,11	3,80	18,54	4,62
4 elementos (n = 307)	23,92	5,01	22,24	5,62	20,68	6,66	21,36	4,92	19,53	3,68	18,20	4,69
5 elementos (n = 110)	23,58	4,42	21,03	5,31	22,26	6,67	22,45	5,05	18,85	2,84	19,48	4,35
<i>F</i>	2,032 ^{NS}		1,898 ^{NS}		1,811 ^{NS}		1,879 ^{NS}		1,220 ^{NS}		2,521 ^{NS}	
Nº agregado familiar	Comunicação				Satisfação							
	M	DP	M	DP								
2 elementos (n = 68)	34,09	7,34	33,16	7,87								
3 elementos (n = 255)	33,99	8,03	33,15	8,64								
4 elementos (n = 307)	34,94	7,98	34,17	8,36								
5 elementos (n = 110)	34,61	7,52	33,96	7,52								
<i>F</i>	0,743 ^{NS}				0,842 ^{NS}							

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; NS = Não significativo; As variáveis correspondentes a 1 elemento (n = 2), 6 elementos (n = 22) e 7 (n = 4) elementos foram excluídas para análise por apresentarem um n inferior a 30.

Apêndice B– Subescalas da *FACES-IV* e etapa do ciclo vital

<i>FACES-IV</i>																
Etapa do Ciclo Vital	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas											
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica					
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
Família com filhos adolescentes (<i>n</i> = 127)	22,94	4,92	21,89	5,25	21,76	6,73	22,44	4,47	19,73	3,37	19,17	4,85				
Família com filhos adultos (<i>n</i> = 641)	23,63	5,05	21,70	5,46	21,17	6,80	21,71	5,06	19,08	3,71	18,35	4,51				
<i>t</i>	0,158 ^{NS}		0,715 ^{NS}		0,366 ^{NS}		0,133 ^{NS}		3,357 ^{NS}		3,385 ^{NS}					
Etapa do Ciclo Vital	<i>M</i>				<i>DP</i>				<i>M</i>				<i>DP</i>			
Família com filhos adolescentes (<i>n</i> = 127)	34,95				7,89				34,17				8,18			
Família com filhos adultos (<i>n</i> = 641)	34,48				7,83				33,74				8,32			
<i>t</i>	0,120 ^{NS}								-0,349 ^{NS}							

Nota. *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *t* = *T-Student*; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade da Coesão Familiar versão IV; NS = Não significativo.

Apêndice C- Dimensões da *WFRQ* e habilitações literárias

<i>WFRQ</i>						
Habilidades Literárias	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Até 2º ciclo do Ensino Básico (<i>n</i> = 38)	57,92	14,40	36,45	8,63	20,92	4,98
3º ciclo do Ensino Básico (<i>n</i> = 148)	57,34	14,11	35,54	8,48	21,41	4,82
Ensino Secundário (<i>n</i> = 286)	58,90	14,08	36,29	8,44	21,53	4,77
Licenciatura (<i>n</i> = 222)	60,32	13,44	37,35	8,04	22,11	4,39
Mestrado (<i>n</i> = 74)	58,28	12,30	35,66	7,95	21,26	3,99
<i>F</i>	1,149 ^{NS}		1,285 ^{NS}		1,054 ^{NS}	

Nota. *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *WFRQ* = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; ^{NS} = Não significativo.

Apêndice D- Dimensões da *WFRQ* e nº do agregado familiar

<i>WFRQ</i>						
Nº agregado familiar	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
2 elementos (<i>n</i> = 68)	58,93	13,69	36,72	7,68	21,22	4,61
3 elementos (<i>n</i> = 255)	58,10	13,69	35,93	8,61	21,18	4,57
4 elementos (<i>n</i> = 307)	59,00	13,90	36,49	8,31	21,70	4,59
5 elementos (<i>n</i> = 110)	58,97	13,04	36,17	7,81	22,11	4,58
<i>F</i>	0,234 ^{NS}		0,289 ^{NS}		1,304 ^{NS}	

Nota. *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *WFRQ* = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; ^{NS} = Não significativo; As variáveis correspondentes a 1 elemento (*n* = 2), 6 elementos (*n* = 22) e 7 elementos foram excluídas para análise por apresentarem um *n* inferior a 30.

Apêndice E- Dimensões da *WFRQ* e Etapa do Ciclo Vital

Etapa do Ciclo Vital	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Família com filhos adolescentes (<i>n</i> = 127)	59,53	13,97	36,83	8,27	21,92	5,21
Família com filhos adultos (<i>n</i> = 641)	58,77	13,73	36,31	8,31	21,56	4,49
<i>t</i>	0,317 ^{NS}		0,404 ^{NS}		0,659 ^{NS}	

Nota. *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; ^{NS} = Não significativo.

Apêndice F- Dimensões da *WFRQ* e tempo passado em família durante a pandemia *COVID-19*

Horas passadas em família durante a pandemia COVID-19	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
< a 1 hora (n = 49)	55,27	14,63	34,04	8,44	20,67	5,07
Entre 1 a 3 h (n = 149)	59,03	13,09	36,30	7,94	21,72	4,31
Entre 3 a 6h (n = 256)	59,27	14,72	36,41	8,74	21,83	4,86
Entre 6 a 8h (n = 134)	59,65	12,30	37,20	7,92	21,20	4,19
Entre 8 a 10h (n = 83)	59,34	12,86	36,78	8,08	22,27	4,64
> a 10h (n = 95)	58,19	14,51	36,33	8,33	21,36	4,74
F	0,866 ^{NS}		1,080 ^{NS}		1,135 ^{NS}	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh; ^{NS} = Não significativo; A variável correspondente a NR foi excluída para análise por ter um n inferior a 30 (n = 2).